LEONARDO ANGRISANO

HOLLYWOOD- RAÍZES DA INFLUÊNCIA CULTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA E BELO-HORIZONTINA DE 1930 À 1960

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana 2005

LEONARDO ANGRISANO

HOLLYWOOD- RAÍZES DA INFLUÊNCIA CULTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA E BELO-HORIZONTINA DE 1930 À 1960

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em História
Orientadora: Profa. Patrícia Vargas Lopes de Araújo

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana 2005

DEDICATÓRIA

Para realizar esse trabalho foi necessária a ajuda e a paciência de muitas pessoas que, direta ou indiretamente, se envolveram nele. Sem essas pessoas que fazem parte dele e da minha vida, eu nunca poderia tê-lo realizado. Primeiramente, obrigado a toda minha família: meu pai, Eduardo, que sempre acreditou nas minhas loucuras e me fez acreditar nas loucuras dele; minha mãe, Marli, por me aguentar todos esses anos e minha irmã, Luci, por me deixar apertar suas bochechas quando estou triste. Queria agradecer também a minha Tia Edna, por me emprestar o computador quando o meu pifou, meu primo Rafael (Bonés) por me ajudar com alguns livros e meu tio Fernando (onde ele estiver), por me apresentar a uma sala de cinema.

Eu não poderia esquecer de agradecer também a minha professora orientadora, Patrícia Vargas Araújo, por ser tão atenciosa comigo, mesmo à distância e aos professores do ICHS com os quais eu aprendi tanto durante o curso de História, em especial aos professores Celso Taveira, Angelo Alves Carrara e Fábio Faversani. Agradeço aos meus grandes amigos que sempre me proporcionaram boas risadas: Victor (vulgo Chitara), Bruno Tolentino (vulgo Tolenta), Rafael Mansur (vulgo Mansur), Thiago Rabelo (vulgo Peixe), André Pires (vulgo Mofes), Harley Cruz (vulgo Ursinho), Edgar Bardi (vulgo Jabá), Cristiano (vulgo Titio), Tales (vulgo Pseudo), Daniel (vulgo Roger Waters),

Fábio (vulgo Fabanjão), Rodrigo (vulgo Calvino), Alan (vulgo Nardi), Daniela (vulgo bigorna), Mariana (vulgo Mari), Maria Clara (vulgo Clarinha), Arnaldo (vulgo Agnaldo).

E enfim, um agradecimento especial à galera dos arquivos: Hemeroteca do Estado, Arquivo do jornal Estado de Minas, Arquivo da Cidade de Belo Horizonte, CRAV (Centro de Referência Audiovisual), que me suportaram muitos dias pedindo revistas, filmes, jornais para a pesquisa.

RESUMO

Monografia de Bacharelado em História social e cultural do Brasil, que analisa um pouco da história de Hollywood e sua influência cultural na sociedade brasileira e em especial, na sociedade belo-horizontina nas décadas de 30, 40 e 50. Serão analisados aspectos importantes da primeira metade do século XX, como o surgimento dos meios de comunicação de massa, urbanização, Segunda-Guerra Mundial. Tudo isso juntamente com o crescimento das produções de Hollywood e a formação de seus expectadores aqui no Brasil.

ABSTRACT

Bachelor's Monograph in Social and Cultural History that analyses a little of Hollywood's history and its cultural influences in the Brazilian society specially in the society from Belo Horizonte in the decades 30, 40 and 50. It will be analysed important aspects of the 20th century's first half, as the appearance of the mass communication's devices, urbanization, and Second World War. All this together the growth of Hollywood’s productions and the formation of its expectants here in Brazil.

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações.....VII

Introdução.....9

1- A história social de Hollywood

1.1-A era dos grandes estúdios.....14

1.2-Expansão da cultura norte-americana.....20

2- A "mistura" cultural

2.1-Conflito, assimilação e imposição cultural.....30

2.2-Hollywood e meios de comunicação de massa.....32

3- As estrelas do cinema hollywoodiano

3.1- O "Starsystem".....44

3.2- Fascínio refletido na moda e no comportamento.....47

4- Um pouco da história dos cinemas de Belo Horizonte

4.1- Os cinemas e a Urbanização da cidade.....59

5- Os filmes hollywoodianos no imaginário social de Belo Horizonte

5.1-Filmes e artistas mais populares nas revistas.....72

5.2-Perfil, ação e produção do espectador.....76

Conclusão.....83

Notas.....8

5

Fontes Documentais.....86

Bibliografia.....86

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Reportagem “Hollywood toma parte ativa na Guerra”

Figura 2: Foto de atores hollywoodianos servindo o exército norte-americano na Segunda-Guerra Mundial.

Figura 3: Walt Disney em seus estúdios

Figura 4: Reportagem “Cinema versus tevê”

Figura 5: Reportagem “Por que a América odeia Chaplin?”

Figura 6: Reportagem “Cinema e a criança”

Figura 7: Anúncio do Sabonete *Lever*

Figura 8: Anúncio das *Baias Astros*

Figura 9: Anúncio dos cigarros *Hollywood*

Figura 10: Reportagem sobre a Sapataria *Metro* em Belo Horizonte

Figura 11: Anúncio de assinatura de revistas norte-americanas

Figura 12: Anúncio de relógio da marca *Lincoln*

Figura 13: Anúncio de maquiagem da marca *Max Factor*

Figura 14: Foto autografada de *Paulette Goddard*

Figura 15: Foto de capa da Revista *Alterosa* com *Rita Hayworth*

Figura 16: Reportagem “Os artistas mais populares de Hollywood”

Figura 17: Reportagem “A deliciosa mentira do cinema”

Figura 18: Anúncio de venda de fotos de artistas de Hollywood em Belo Horizonte

Figura 19: Foto do *Cine Avenida* em Belo Horizonte

Figura 20: Foto do *Cine Pathê* em Belo Horizonte

Figura 21: Foto da fachada do *Cine Brasil* em Belo Horizonte

Figura 22: Foto panorâmica do *Cine Brasil* em Belo Horizonte

Figura 23: Cartaz da sessão inaugural do *Cine Metrópole* em Belo Horizonte

Figura 24: Foto do *Cine Metrópole* em Belo Horizonte

Figura 25: Anúncio de filmes

Figura 26: Anúncio de filmes

Figura 27: Anúncio do filme *"Desde que Partiste"*

INTRODUÇÃO

"(....) O mito cresce, Chapim, a nossos olhos
Feridos do pesadelo cotidiano.
O inundo vai acabar pela mão dos homens?
A vida renega a vida?
Não restará ninguém para pregar
o último rabo de papel na túnica do rei?
Ninguém para recordar
que houve pelas estradas um errante poeta desengonçado,
a todos resumindo em seu despojamento? (...)"

(Livro *Lição de Coisas,* de Carlos Drummond de Andrade).

Esse trecho de Drummond faz parte de uma poesia que ele fez para o personagem mais famoso de Charles Chaplin, o Carlito, que dá nome à poesia e que para uma grande parte do público hollywoodiano, muitas vezes se confundia com o próprio Chaplin. Esse fator de não separação, de associação das características do ator e de seu personagem, é um dos traços marcantes entre os espectadores do cinema hollywoodiano do período dos "anos dourados", que compreende os anos entre 1930 a 1960. Os próprios grandes estúdios de Hollywood, fizeram disso o seu "segredo de sucesso", já que faziam questão de que seu atores fizessem determinados "tipos" cinematográficos, pois se eles quisessem interpretar outro "tipo", corriam o risco de perder seus admiradores e o filme poderia ser um fracasso de bilheteria. Interpretando o mesmo "tipo", o artista passava a ter para o fã aquela personalidade retratada nos filmes, criando-se assim um mecanismo de identificação muito grande entre o espectador e seu artista predileto.

Outro fator marcante que podemos salientar desse período e que também está presente nesse trecho da poesia de Drummond, é a de como durante as duas Guerras, mas principalmente a Segunda Guerra, o comunismo e o anti-semitismo influenciaram a produção hollywoodiana e, ao mesmo tempo, num total descrédito da humanidade em si mesma. A ironia está justamente nisso. A produção de filmes em Hollywood em plena Guerra aumentou vertiginosamente, seja com filmes que buscavam a expansão e afirmação da cultura norte-americana diante da opinião pública internacional, que em sua grande maioria, identificava os soldados americanos e os aliados corno os "defensores da liberdade e da justiça", seja com filmes que abordavam temas variados como comédias, romances e faroestes. Seja como for, os espectadores de todo mundo viam mais e mais filmes hollywoodianos, principalmente os de países da América Latina, como o Brasil, que a partir de 1939, passa a sofrer uma influência cada vez maior da cultura norte-americana.

É justamente os mesmos "olhos feridos do pesadelo cotidiano", que viam nos filmes não só uma forma de "escapismo" dos problemas diários e de um período de horrores de guerra, como também uma forma pura e simples de entretenimento. Os cinemas se alastraram pelas grandes cidades brasileiras e transformaram-se em parte da vida das cidades e do cotidiano das pessoas. Ir ao cinema naquela época era muito mais do que assistir um filme, era um

acontecimento social, era uma visita aos “parentes” e “amigos” que moravam longe, na distante cidade de Hollywood.

Em Belo Horizonte, que é foco dessa pesquisa, a partir da década de 30, com a generalização dos filmes sonoros e dos cinemas na capital mineira, fica bastante evidente a influência cada vez maior de Hollywood na sociedade belo-horizontina. Principalmente em revistas não especializadas em cinema, que atingiam um grande público, como a revista *Alterosa* do Estado de Minas Gerais, a revista *O Cruzeiro,* de circulação nacional, a revista *Belo Horizonte* e nas crônicas de jornais da época em Belo Horizonte, que abriam cada vez mais espaço para tudo que se relacionasse com Hollywood.

Reportagens, fotos de atores e atrizes, crônicas, anúncios, cartazes de filmes, foram analisados de forma a compreender a influência que as mídias de massa empreendem em uma cultura, e ao mesmo tempo discutindo suas possibilidades dentro desta. É certo que Hollywood exerceu e exerce até hoje um poder simbólico/ideológico sobre a sociedade brasileira. Porém, ao mesmo tempo não se pode menosprezar a capacidade crítica dos expectadores, como essa influência atua sobre os diferentes grupos sociais e muito menos desconsiderar como isto age sobre o resto da vida cotidiana destes espectadores.

A exibição dos filmes não era elitista e os espectadores não são só assistiam a filmes, eles tinham também uma vida fora das salas de cinema e portanto não eram totalmente passivos aos signos hollywoodianos. Havia espaço

não só para crítica, como também para a escolha dos temas e dos filmes entre os expectadores de Belo Horizonte.

A cultura norte-americana, sem dúvida é difundida e afirmada através de Hollywood, mas o que faz com que os expectadores de todo o mundo assistam a filmes americanos, por quase um século, é muito mais do que uma padronização dos gostos e costumes de outras culturas em relação a cultura norte-americana. Uma prova disso, é que um dos grandes nomes da cultura brasileira e um grande poeta, cronista e crítico, Carlos Drummond de Andrade, se encantou com o Carlito como todo o mundo, sem se esquecer de sua própria cultura. Ou seja, o exemplo de Drummond, é o da capacidade crítica de um expectador belo-horizontino em relação à mídia e em relação aos próprios filmes hollywoodianos. Explicar como isso ocorreu é o que também tentarei fazer nesse trabalho monográfico e respondendo à pergunta final do trecho da poesia: Sim, existiram, existem e existirão muitos para recordar "que houve pelas estradas um errante poeta desengonçado".

No primeiro capítulo será discutida a formação social dos grandes estúdios de Hollywood dentro da própria cultura norte-americana, como também a expansão dessa cultura pelo mundo através desses estúdios. No segundo capítulo refletirei sobre a "mistura" das culturas brasileira e norte-americana, tendo essa última uma influência crescente no Brasil, através dos filmes de Hollywood. Já no terceiro capítulo, será discutida a constituição das "estrelas"

hollywoodianas através do mecanismo denominado *"Starsystem"* e o fascínio que essas "estrelas" exerciam na vida de seus fãs no Brasil. No quarto capítulo será discutida a influência de Hollywood e dos cinemas na urbanização da cidade de Belo Horizonte e no quinto e último capítulo, será discutido os filmes e artistas que faziam e fazem parte do imaginário social de Belo Horizonte, como também o perfil do espectador belo-horizontino.

1- A HISTÓRIA SOCIAL DE HOLLYWOOD

1.1-A ERA DOS GRANDES ESTÚDIOS

Esta é a história da formação de um grande império do entretenimento, construído de sonhos, de *glamour,* de sonhos de beleza, de fortuna e de sucesso. Porém antes que Hollywood alcançasse seu auge, foi necessário que o cinema nos Estados Unidos percorresse caminhos não tão favoráveis dentro da própria sociedade americana. Mesmo depois do auge dos grandes estúdios, logo depois da Segunda-Guerra Mundial, Hollywood sofreu com perseguições a muitos de seus membros (artistas, diretores, escritores, roteiristas, etc). Macarthismo, anti-comunismo, anti-semitismo, censura e a própria sociedade tradicional americana marcaram profundamente esse período. Evidentemente que as crises internas de Hollywood de 1930 à 1950, pouco foram percebidas e pouco mostradas aos expectadores, principalmente de outros países.

O cinema de modo geral, e nos Estados Unidos em particular, foi o primeiro meio de entretenimento e de formação cultural controlados por homens que não tinham antecedentes étnicos nem religiosos das elites culturais tradicionais. Eles eram em geral judeus imigrantes ou descendentes desses. Isso marcaria toda a história de Hollywood com conflitos intensos dentro da sociedade americana. Conflitos esses que fizeram com que vários chefes dos grandes estúdios hollywoodianos, aderissem fielmente a valores capitalistas

apropriados e a algumas crenças políticas conservadoras. Mas o cinema americano em si nunca perdeu o caráter original de meio de cultura popular de massa:

> "Mas os senhores da criação eram aqueles executivos dos estúdios que ainda se lembravam da infância de imigrantes pobres do leste da Europa e, tendo derrotado a "Trust" de Thomas Edison, formaram um cartel próprio e, como senhores pagavam devidamente a si mesmos. Samuel Goldwyn, antigo vendedor de luvas de Lodz; Joseph Schenck, de Rybinsk, na Rússia, fundador e presidente da 20th Century-Fox, e seu irmão mais novo, Nick, presidente da Loew's inc, Carl Laemmle, o fundador da Universal gerente de loja de roupas na Alemanha; Adolph Zukur, o cabeça da Paramount comerciante de peles na Hungria- esses eram os lendários governantes de Hollywood. E os que não eram imigrantes pobres, eram em geral filhos de imigrantes: os implacáveis irmãos Cohn, filhos de um alfaiate alemão, fundadores da Columbia; os irmãos Warner, todos os quatro filhos de um sapateiro polonês." (FRIEDRICH, Otto. *A cidade das redes,* p. 28)

Dos primórdios do cinema americano, dos grandes "Poeiras"[1] e sua febre nos bairros operários de Chicago, Nova York e Pittsburg, até o momento em que o cinema americano torna-se um meio de entretenimento respeitável depois da primeira Guerra Mundial, houve uma mudança considerável na mentalidade dos homens que produziam e faziam cinema. A nova indústria do entretenimento parecia estar constrangida de ter nascido dos guetos e partiu rumo ao oeste dos Estados Unidos, especificamente para Los Angeles, na Califórnia. Ali, deram origem à chamada "cidade dos sonhos de Hollywood" e de seu mito diante do mundo inteiro:

> "No princípio da década de 1920, quando se falava em fitas de cinemas norte-americanas, já se começava a usar o nome Hollywood para descrever um lugar, uma gente e, como disseram muitos com o passar dos anos, um estado de espírito." (SKLAR, Robert. *História social do cinema americano,* p.,87).

A formação e definição dos primeiros grandes estúdios, ainda produzindo filmes mudos *(Metro-Godwyn-Mayer, Columbia, Universal, Paramount, United Artists)* logo após a Primeira Guerra, lança as bases dos sistemas de estúdios, assumindo uma estrutura que foi conservada até por volta de 1948, com o advento da TV. Esse sistema consistia na concentração do poder nos principais estúdios, que além de produzirem os filmes, os patenteavam e distribuíam e também compravam ou construíam cinemas em todo o mundo, para a exibição das películas de cada estúdio.

Em 1927, acontece outro fato que consolidou a influência do cinema hollywoodiano por todo mundo, que foi o advento do som nos filmes. Nesse ano acontece a primeira exibição de um filme falado, *O cantor de Jazz,* que provocou o surgimento de dois novos grandes estúdios pioneiros do cinema falado, *Warner Bros* e *Twenty-Century-Fox,* que juntamente com os outros grandes estúdios, a partir de 1930, começam a produzir ainda mais filmes.

O cinema sonoro veio como solução para a indústria cinematográfica americana que passava por dificuldades financeiras, assim como toda a sociedade e economia americana, devido à "Grande Depressão" em 1929, causada pelo *"crack"* da bolsa de valores de Nova York. Com os filmes falados, Hollywood passa a ser a indústria mais próspera de todas as outras indústrias norte-americanas nesse período de caos, o que atraiu ainda mais investimentos para os estúdios da Califórnia.

Os filmes sonoros se tomaram uma revolução não só em termos tecnológicos e financeiros, como também uma revolução diante dos expectadores do cinema, que sofreram mudanças comportamentais. O fascínio pelas trilhas sonoras dos filmes e pelo diálogo era tão grande, que:

> "Quando começaram os filmes falados, as pessoas que falavam em voz alta eram peremptoriamente silenciadas por outras no meio do público que não queriam perder nada do diálogo. O público falante dos filmes mudos transformou-se num público mudo dos filmes falados."(SKLAR, Robert. *História social do cinema americano,* p. 181).

A partir da década de 30, diante do fascínio de um público cada vez maior, Hollywood ingressou em sua "idade de ouro" e passou a ocupar o centro da cultura da América. Seus filmes não somente divertiam uma nação em sua mais profunda desordem econômica e social, como também criaram mitos e sonhos unificadores que passaram a serem dominantes na sociedade americana, proporcionando novos valores, em substituição das velhas tradições dos norte-americanos.

Os filmes atingiram seu zênite de popularidade e influência nas décadas de 1930 e 1940, culminando em 1946, quando a frequência aos cinemas atingiu o ponto mais alto de todos os tempos. Nesse período cerca de 80% dos filmes visto em todo mundo eram hollywoodianos, mesmo com mudanças no que dizem respeito aos conteúdos e aos temas dos filmes. Até 1936 os conteúdos dos filmes lançaram, em geral, desafios a cultura tradicional americana, abordando temas que colocavam em dúvida instituições da lei e da ordem, posturas sociais

e o próprio Estado. Comédias satirizando esses aspectos da sociedade americana, filmes de terror e de gângsteres eram bastante comuns.

Porém, a partir principalmente de 1939, com o advento da Segunda-Guerra Mundial, a maioria dos grandes produtores de Hollywood, renunciaram repentinamente a postura crítica da sociedade americana, ao descobrirem que havia maiores oportunidades de lucro e prestígio, se eles apoiassem a cultura norte-americana tradicional. É claro que ainda havia filmes com postura crítica em relação à sociedade tradicional americana, como por exemplo *Cidadão Cane,* de Orson Welles de 1941, mas foram se tornando minoria.

O ataque a Pearl Harbor, provocou não só a entrada dos norte-americanos na Segunda-Guerra Mundial, como também a entrada de Hollywood nesta (ver figuras 1 e 2). A área de conflito deixou de ser interna e transformou-se na luta do americanismo contra o fascismo. O patriotismo e a democracia norte-americana passam a ser defendidos por Hollywood em inúmeros filmes sobre a guerra, filmes de faroeste e nos desenhos animados de Walt Disney feitos nesse período (ver figura 3). Evidentemente Hollywood também produziu durante o período de guerra, muitos filmes mais despretenciosos, com temas que não estavam relacionados com a guerra ou com a pura e simples definição de afirmação da cultura norte-americana.

Contudo, mesmo mudando de postura ao defender os ideais americanos, Hollywood não deixou de ser um vilão conveniente e vulnerável para a

sociedade tradicional americana e para governo norte-americano. Foi formado o Comitê de Ações Anti-amencanas[2], para verificar a infiltração comunista em Hollywood durante toda a década de 40, isso sem contar as diversas ações dos órgãos sensores que estavam sempre presentes contra Hollywood (ver figura 5). Mesmo tendo atingido seu auge em 1947 diante dos expectadores de todo o mundo, Hollywood foi aos poucos, sendo minada pelos investigadores do governo, que além de acabarem com o monopólio dos grandes estúdios sobre os seus exibidores, puseram uma atmosfera de medo dentro da indústria cinematográfica:

> "E foi esse traço que a cruzada anticomunista destruiu. O trabalho criativo, com efeito, não se realiza bem numa atmosfera de medo, e Hollywood estava impregnada de medo. Não se atrevia a fazer nenhum filme que pudesse despertar a ira de alguém. (...).Em resultado disso, perderam o contato não só com seus próprios estilos passados, mas também com as mudanças e movimentos que se verificaram na cultura dominante." (SKLAR, Robert. *História social do cinema americano,* p. 312).

A partir daquele momento, final da década de 40 e durante toda década de 50, Hollywood nunca mais foi a mesma. Ela não foi destruída obviamente, mas suas bases foram profundamente modificadas. O fim do monopólio dos exibidores na década de 50, o terror do anti-comunismo, o ressurgimento, após a guerra, da produção cinematográfica européia e dos demais países do mundo e o impacto do surgimento da televisão, que se tornou o meio de comunicação de massa mais popular em meados da década de 50, foram determinantes para o fim da chamada "época áurea" de Hollywood (ver figura 4).

O mais interessante nisso tudo, é que mesmo com a diminuição da frequência dos expectadores devido à concorrência da televisão, Hollywood sempre se manteve perante seu público, principalmente de outros países, tão brilhante no decorrer do seu longo declínio, que muitos de seus expectadores nunca se deram conta da agonia daquela grande indústria do entretenimento da época. Os filmes estavam sempre onde o público os queria, maiores, mais barulhentos, mais superproduzidos, com maiores despesas. O público ainda gostava muito do que via, mas talvez não tanto como anteriormente. Os casamentos e divórcios dos astros e estrelas ainda saíam na primeira página dos jornais, falava-se ainda constantemente de cinema nos programas de televisão, as bancas de jornal continuavam cheias de revistas de fãs de cinema. Hollywood ainda era Hollywood e fazia parte da vida mundial.

1.2- EXPANSÃO DA CULTURA NORTE-AMERICANA

Hollywood foi sem dúvida, de 1930 à 1960, um veículo importante para a transmissão da cultura norte-americana pelo mundo. Seus filmes apresentavam mitos e sonhos norte-americanos que levavam às platéias estrangeiras, mensagens sociais claras. Suas implícitas descrições dos valores e estilos ianques, sua velocidade, seu humor, sua petulância, sua sátira, sua violência, suas cidades suntuosas e seus *cowboys,* eram apreciados de forma atenta e divertida pelos expectadores estrangeiros.

Contudo, é preciso dosar a idéia que se tem do cinema hollywoodiano somente como difusor do estilo americano de vida, o *American way of life.* Nem tudo o que Hollywood mostrava em seus filmes, de fato estava presente apenas na cultura norte-americana. Muitos filmes que foram produzidos naquela época faziam justamente o contrário, pois criticavam e satirizavam a própria cultura norte-americana. É necessário ver também que a imagem da vida americana nos filmes, não se reduzia simplesmente a uma forma imperialista de vender essa cultura para o mundo através da invasão cultural, como bem retrata Cristina Meneguello:

> "O cinema desde o início atuou como um "embaixador" dos Estados Unidos nos países que iria atingir, especialmente os latinos. O *american way of life é* assim uma composição que atua de maneiras diversas, seja nos Estados Unidos ou nos países latinos. Evitando-se assim a noção de negatividade que informa a penetração de valores estrangeiros, abre-se espaço para a circulação de um falar, um agir, enfim, a construção de uma positividade - o discurso entendido enquanto prática que efetivamente produz os sujeitos de cinema. Os temas comumente associados aos americanos, como o ideal democrático, o esforço e o otimismo não apenas embasam grande parte da cinematografia hollywoodiana como transformam-se em valores morais fortes, indicativos de uma sociedade desejável." (MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas,* p.78-79).

A mola mestra que Hollywood encontrou para conquistar expectadores estrangeiros, não foi definitivamente somente mostrar aos quatro cantos do mundo a cultura e os costumes norte-americanos, mas sim mostrar em seus filmes aspectos universais da vida de um ser humano. A felicidade pessoal, os romances e o final feliz dos filmes negavam barreiras, classes, países, culturas e não foram fórmulas inventadas pelos norte-americanos e muito menos por Hollywood.

Obviamente, principalmente com a entrada dos Estados Unidos na Segunda-Guerra Mundial, Hollywood passou a desempenhar um papel importante na afirmação da cultura norte-americana pelo mundo. Este evento fornecia temáticas bastante atraentes para os filmes, que cada vez mais acentuavam os valores americanos e ao mesmo tempo respondia aos anseios de identificação com essa cultura.

Um exemplo de que essa identificação foi espontânea em outros países é que culturas seculares, como a italiana, a francesa, a japonesa e a alemã, até quando foi permitido durante a Segunda-Guerra, importaram filmes e padrões americanos. Se culturas como essas sofreram forte influência da cultura norte-americana, não poderia ser diferente em culturas mais recentes como a brasileira e dos países da América Latina, que sofreram intensamente influência nos seus padrões culturais.

Essa intensidade de influência não dependia somente da quantidade de filmes norte-americanos exibidos, que naturalmente provocou uma certa padronização dos gostos favoráveis à Hollywood, dependia também da propaganda e das mídias dominantes que acompanhavam os filmes, sua alta qualidade técnica e o prestígio crescente dos Estados Unidos como potência mundial.

No Brasil, por exemplo, esse prestígio veio crescendo durante a década de 30, ajudado, é claro, também por Hollywood. As simpatias em relação aos países

fascistas e democráticos ainda não eram tão claras antes do envolvimento americano na Segunda-Guerra. Getúlio Vargas, por exemplo, procurou adaptar aos problemas nacionais, medidas políticas de inspiração claramente fascistas, como a doutrina do Estado Novo em 1937. Logo depois, ele apoiou a participação da Força Expedicionária Brasileira nos campos de batalha da Itália, ao lado das forças norte-americanas.

Esse apoio brasileiro aos Aliados, personificado nos "Pracinhas", contribuiu para estabelecer laços culturais ainda mais fortes com os Estados Unidos, como esclarece Cláudio De Cicco:

> "Soldados brasileiros e norte-americanos se confundiam numa só imagem do herói coberto de glória, de tal modo que cada vez mais o que era norte-americano era por inúmeras razões considerado no Brasil como sendo nosso. Nunca a América foi tão homogeneamente 'americana' como após a vitória sobre os prestigiosos exércitos de Estados portadores de uma tradição muitas vezes secular. A aspiração de Monroe encontrou sua plena realização .(...) Em onfronto, os Estados Unidos personificavam os governos 'liberais e democráticos', como todos os países das duas Américas desejavam ser, ao menos nesse momento, ou seja, ao aproximar-se rapidamente o final da guerra" (CICCO, Cláudio de. *Hollywood na cultura brasileira,* p. 31-32).

Portanto, por muitos motivos, a cultura norte-americana, incluindo o seu cinema, estava historicamente destinada a desempenhar um papel de liderança entre os países da América Latina, mais até do que sobre seus aliados do outro lado do Atlântico. Os demais países da América eram mais aptos a assimilar o modo de vida dos norte-americanos, não só pela luta conjunta pela "salvação da democracia" na guerra, como também eram mais aptos culturalmente para captar esses novos valores vindos do "Tio Sam". Hollywood, a partir da década de 40,

foi o grande meio de captação da cultura americana e se consagrou definitivamente em diversas culturas, como também e em especial, na cultura brasileira.

Hollywood toma parte ativa na guerra

Famosos atores estão em armas, lindas atrizes vendem bonus de guerra e visitam os soldados ◎ Kay Francis esteve na Africa Filmes que valem por batalhas ganhas.

* * *

to resultado do seu útil trabalho, feito da melhor maneira através de filmes famosos — seja divulgando os tenebrosos crimes do nazismo ou apenas esclarecendo o público a respeito de muitos perigos — esse útil trabalho, em verdade, vale por muitas batalhas ganhas. Há muitos artistas, diretores e produtores do cinema que são tão bons combatentes como os soldados que arriscam a vida nas linhas de frente. O quartel general desses Estados é Hollywood. A arma que usam — são rolos de celuloide. Em detalhes, é muito curiosa a arma de Hollywood — contra os fazedores de guerra, usam-se filmes de guerra, que são geralmente historias deshumanas; ou então, filmes de historias profundamente humanas, que são por natureza profundamente anti-nazistas. Parece engraçado, mas é eficiente.

E' interminavel a lista desses filmes inesqueciveis, que agradaram a milhões, constituiram-se sucessos de bilheteria, e que ao mesmo tempo pertencem categoricamente ao "esforço de guerra" dos Estados Unidos e da Inglaterra. Ou mais ainda: muitos desses filmes

FIGURA 1

(Revista Alterosa, Julho de 1943. P. 52-53)

Hollywood e sua mudança de postura em relação a difusão da cultura norte-americana pelo mundo com o advento da Segunda-Guerra Mundial.

FIGURA 2

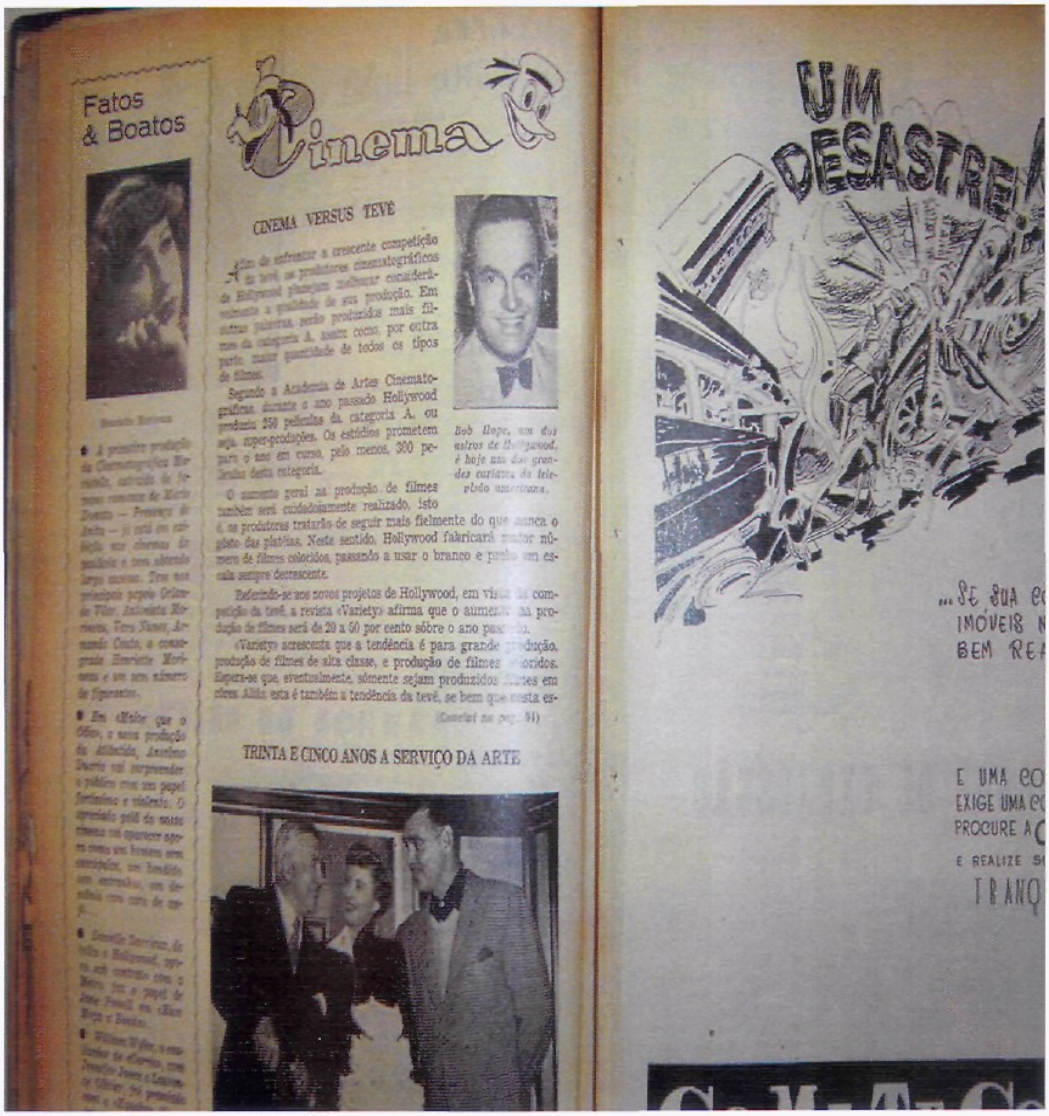
(Revista Alterosa, Dezembro de 1944. P. 130)

O Capitão da aeronáutica norte-americana e famoso ator Hollywoodiano Clark Gable ao centro ao lado de outros dois atores de Hollywood.

FIGURA 3

(Revista Alterosa, Dezembro de 1945. P. 74-75)

Walt Disney e seus estúdios foram grandes difusores da cultura norte-americanas pelo mundo através de seus famosos personagens.



Fatos & Boatos

Cinema

CINEMA VERSUS TEVÊ

Bob Hope, um dos astros de Hollywood, é hoje um dos grandes cartaz da televisão americana.

TRINTA E CINCO ANOS A SERVIÇO DA ARTE

UM DESASTRE!

FÍGURA 4

(Revista Alterosa, Janeiro de 1951. P. 118)

Reportagem “Cinema versus tevê” abordando o tema da crescente popularização da TV e sua concorrência com o cinema hollywoodiano.

POR QUE A AMERICA ODEIA CHAPLIN?

A DOENÇA DA EX-RAINHA

FIGURA 5

(Revista Alterosa, Fevereiro de 1953. P. 18)

Reportagem “ Por que a América odeia Chaplin” sobre a perseguição anti-comunista em Hollywood, da qual Charles Chaplin também foi vítima.

2- A "MISTURA" CULTURAL

2.1- CONFLITO, ASSIMILAÇÃO E IMPOSIÇÃO CULTURAL

A cultura brasileira até o final da década de 30 possuía características tradicionalistas que foram convivendo, de forma cada vez mais crescente, com a cultura norte-americana. Obviamente, os reflexos da assimilação de uma outra cultura, no caso, a norte-americana através de seu cinema, foram perceptíveis, principalmente na mídia brasileira na década de 40 e 50. Contudo, essa assimilação não se deu de forma tranquila, mas também não foi feita de forma imposta.

Também é preciso observar a existência de fatores de conflito e de resistência à mudança cultural, que garantiram espaço às permanências da cultura tradicional brasileira[3]. A questão da impropriedade sexual dos filmes, da moral católica, da violência, da influência sobre os jovens, crianças e mulheres, eram discussões presentes na sociedade e na mídia brasileiras (ver figura 6). Esse conflito cultural é perceptível também, principalmente na discussão que sempre ocorreu no Brasil à respeito do tema da valorização do cinema nacional versus Hollywood[4]. Essa polêmica sempre acompanhou, de diferentes formas, a exibição de filmes americanos no país:

> "O meio de comunicação de massa e sua inserção no social sempre despertou inquietações. Por um lado, compreendeu-se Hollywood como o alienígena que empreende uma dominação planejada e massificadora valendo-se de suas capacidades carismáticas, o que nos remete inicialmente ao entendimento do meio referenciado na

> Escola de Frankfurt. Aqui, a indústria cultural é percebida como integradora dos consumidores a partir do alto(nos termos do elitismo, misturando arte superior e inferior), buscando um consentimento ao vender valores falsos de *status quo* e ao expropriar o espectador de sua consciência crítica." (MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas,* p. 26)

Portanto, é necessário perceber que não podemos considerar o cinema hollywoodiano como "alienígena", que impunha uma dominação ideológica e manipuladora às massas de forma que essas se reduzissem a "robôs programados". Os próprios fatores de resistência às mudanças culturais citados anteriormente, mostram que essa imposição não existia. Hollywood sempre foi uma indústria cultural que integrou consumidores pelo mundo, mas seus filmes, de forma alguma podem ser classificados por isso, como uma arte superior ou inferior, ou por ter expropriado a consciência crítica de parte de seus espectadores.

A assimilação cultural dos valores americanos ocorreu no Brasil, na verdade, através de uma reinterpretação ou "mistura" desses valores, com os da cultura brasileira[5]. A cultura brasileira assimilou os valores norte-americanos que seu cinema difundia, dando uma característica aos mesmos, condizente com a situação específica de sua sociedade. Através dessa "mistura" entre situações culturais americanas e brasileiras é que o universo fílmico invade a vida real e cotidiana dos espectadores brasileiros, que tiravam elementos desse processo referido, para formar parte dos novos valores brasileiros (ver figura 10).

Valores esses, que passaram a pertencer à nossa realidade cultural, como por exemplo, fotos de atrizes e atores de Hollywood nas revistas, vestidos com fantasias de carnaval e dando dicas para os leitores de como se fantasiar. Outro exemplo dessa "mistura", era que nas exibições dos filmes hollywoodianos aqui no Brasil, era comum ter como *"premier"* filmes ou séries brasileiras. Essa analogia entre a vida americana e à brasileira misturadas era bem comum e pode ser ilustrada com a seguinte passagem:

> "Como exemplo da analogia entre a vida americana e a brasileira, temos os comentários suscitados pelo filme *As vinhas da ira* de John Ford (1940) na revista Cena Muda: "É hoje imensa a literatura nacional em torno dos efeitos da estiagem em nosso Nordeste, cujo o martírio tem nesse filme da Fox a sua descrição mais emocionante. A família de "Joad" poderia ser a de qualquer nordestino a fugir do sertão adusto e ingrato, em procura de serviço nos canaviais do litoral e do sul. Os mesmos sofrimentos, as mesmas amarguras, os mesmos desenganos. Pela calçada das avenidas de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro vê-se gente aos magotes, todos rotos, esfomeados, lamentando os ouvidos que deram aos agentes de trabalhadores que os iludiram com promessas falazes" (CICCO, Cláudio de. *Hollywood na cultura brasileira.,* p. 85-86).

Dessa forma, Hollywood contribuiu como fator de mudança na mentalidade e nos padrões brasileiros sem, no entanto, destruí-los, mas sim transformá-los. Foi grande e decisiva a influência exercida por esse cinema, seja como arte, seja como forma simples de entretenimento, seja como padronizador de costumes, na vida social do Brasil. Mas essa influência tão grande, só ocorreu devido à relação que Hollywood sempre teve com os outros meios de comunicação de massa.

2.2- HOLLYWOOD E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Os fenômenos de difusão cultural e de popularidade, conseguidos por Hollywood no período de 1930 à 1960, foram feitos através, não só de seus filmes, como também através dos outros meios de comunicação de massa. A propaganda era tão, ou mais importante do que os próprios filmes para Hollywood. Portanto, é necessário perceber como, pela primeira vez na história, um grande meio de comunicação de massa, o cinema, passa a ser difundido por outros meios de comunicação de massa.

Revistas e jornais, que já existiam antes que o cinema surgisse, e o rádio e a televisão, que vieram depois do cinema, todos esses funcionavam como propagadores de tudo que se relacionava à Hollywood. Esses dois últimos, apesar de terem sido responsáveis pelo declínio das bilheterias dos cinemas na década de 50, acabaram depois, fazendo propaganda dos filmes hollywoodianos e passando filmes mais antigos, no caso da televisão. O imaginário dos filmes está intensamente presente nesses meios de comunicação, que organizam e até criam para seu público, novos elementos em relação aos ideais dos filmes hollywoodianos. Para isso, se utilizam de uma verdadeira "invasão", de forma até muitas vezes repetitivas nesses veículos midiáticos.

No Brasil essa "invasão" é vista principalmente em revistas relacionadas ao cinema como a *Cinelândia,* e sobretudo em revistas de temas gerais ou não especializadas em cinema propriamente (ver figura 11). Revistas como *O Cruzeiro* (de circulação nacional), *Alterosa* (de circulação em Minas Gerais),

mostram bem o nível de alcance popular dos temas que estavam vinculados à Hollywood. Através de fotografias, capas, reportagens, crônicas nessas revistas, a imagem de Hollywood tornou-se a linguagem da época. Os editores dessas revistas populares eram inundados por cartas de admiradores dos filmes, que mostravam uma infinita variedade de sentimentos e atitudes pessoais e cotidianos, que centralizavam as vidas dos espectadores da tela grande. Daí a enorme quantidade de fofocas hollywoodianas nas revistas. Até os jornalistas, se interessavam mais pelas estrelas dos filmes, do que pelos próprios filmes. A função das fofocas era desvendar rigorosamente tudo e oferecer uma curiosidade infinita sobre a vida das estrelas, que transformava vida real em mito e mito em realidade[6].

Essa repercussão que os filmes e os astros tinham diante de seu público, se refletia também nos anúncios publicitários e na propaganda comercial em geral. Nota-se um progressivo aumento da mensagem visual, como a valorização de fotos junto das reportagens e dos anúncios. Essa valorização das fotografias, se deve a necessidade fixa dessas, que se tornaram fetiches universais do século XX:

> "A fotografia é o melhor *ersatz* da presença real: alter ego permanente, pequena presença doméstica ou de bolso, energética e tutelar, ela pode ser contemplada e adorada. É por isso que 90% das cartas dos fãs pedem uma fotografia. O comércio do culto é, antes de tudo, fotográfico. As fotografias são acumuladas e trocadas, guardadas e olhadas. O que não se diz às fotografias? O que não nos dizem as fotografias? O autógrafo complementa a fotografia com uma impressão pessoal direta, concreta. Cerca de 90% das cartas pedem também autógrafos, ou melhor, fotografias acompanhadas de autógrafos, através dos quais a estrela manifesta sua benevolência tutelar, sua "grande

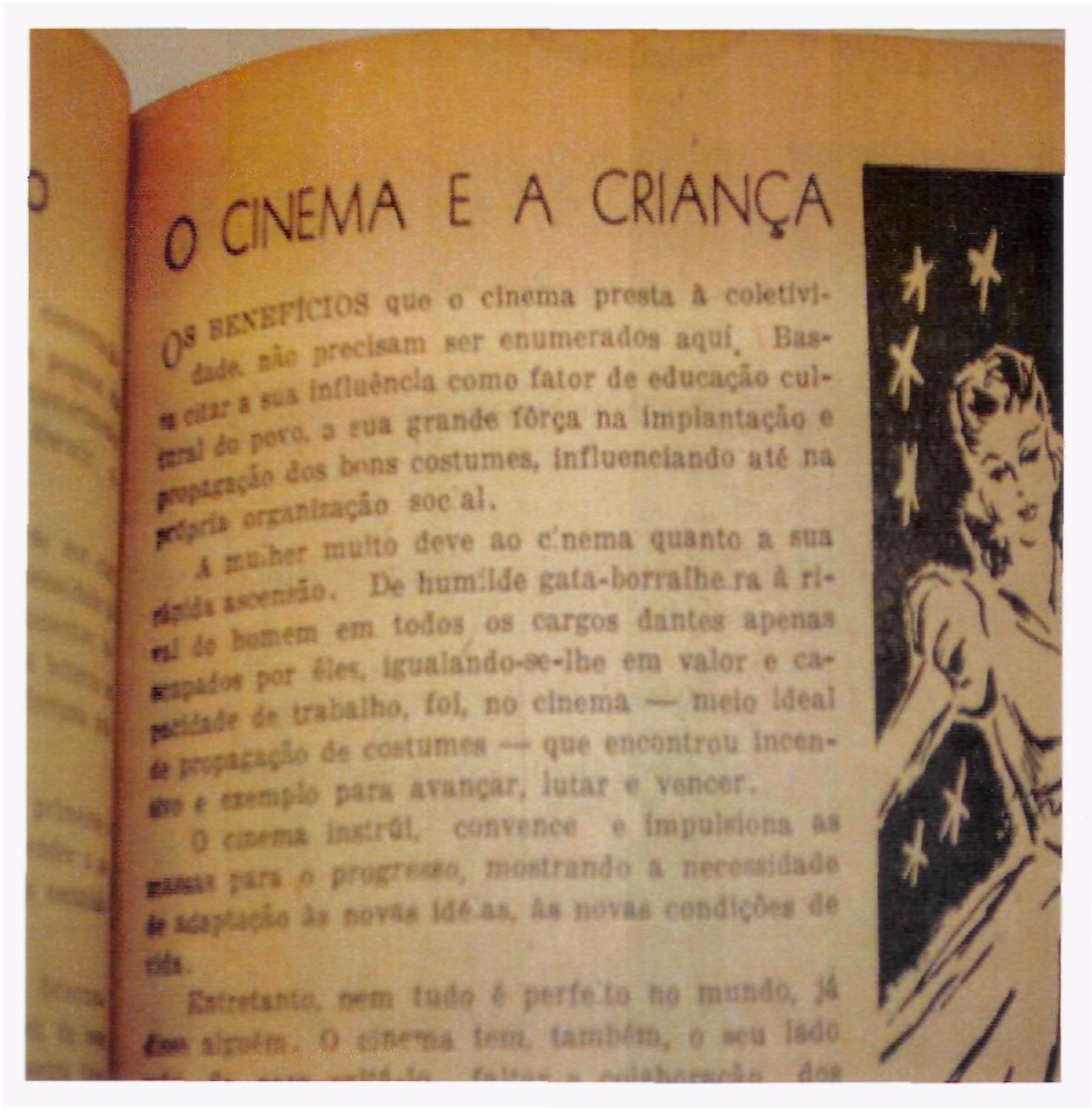
> Amizade", sua "grande simpatia", sua "enorme cordialidade". (MORJN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema,* p.. 61)

Um grande número de astros e estrelas de Hollywood aparecem nesses anúncios e em muitas cenas de filmes famosos são lembradas para convidar à compra de determinado produto (ver figuras 7, 8, 9 e 12). Cuidados com a beleza, cosméticos, preferências alimentares e estéticas, vestidos, relógios, balas, todos esses anúncios associados à atores, atrizes e filmes de Hollywood. Muitos dos *"slogans"* publicitários da época eram tirados de títulos de filmes ou de frases que ficaram na memória dos "fãs". Portanto, muitas técnicas da publicidade moderna e da exploração comercial foram forjadas com o mundo do cinema hollywoodiano.

Contudo, havia também espaço nessa publicidade para a crítica, principalmente em reportagens e crónicas na mídia, nas quais Hollywood aparece também como vilã. Havia discussões sobre os caminhos do cinema em relação ao seu público, como a influência negativa sobre as crianças e jovens ou sobre as transformações de conduta das mulheres. Esse tipo de análise crítica na mídia, em relação a uma influência negativa do cinema americano existia, mas era pouco comum, já que o fascínio exercido por Hollywood ainda era maior.

Esse fascínio que as imagens de Hollywood provocavam na vida cotidiana de seus espectadores aqui no Brasil, nos remete para a análise de outro mecanismo, que envolve também a publicidade e que ajudou a formar o grande

“segredo de sucesso” de Hollywood do período. O mecanismo do *"Starsystem”* e seus processos de “projeções-identificações”[7].



O CINEMA E A CRIANÇA

OS BENEFÍCIOS que o cinema presta à coletividade, não precisam ser enumerados aqui. Basta citar a sua influência como fator de educação cultural do povo, a sua grande fôrça na implantação e propagação dos bons costumes, influenciando até na própria organização social.

A mulher muito deve ao cinema quanto a sua rápida ascensão. De humilde gata-borralheira à rival do homem em todos os cargos dantes apenas ocupados por êles, igualando-se-lhe em valor e capacidade de trabalho, foi, no cinema — meio ideal de propagação de costumes — que encontrou incentivo e exemplo para avançar, lutar e vencer.

O cinema instrúi, convence e impulsiona as massas para o progresso, mostrando a necessidade de adaptação às novas idéias, às novas condições de vida.

Entretanto, nem tudo é perfeito no mundo, já dizia alguém. O cinema tem, também, o seu lado

FIGURA 6

(Revista Alterosa, Agosto de 1944. P. 101)

Reportagem sobre os malefícios que o cinema pode causar nas crianças, preocupação recorrente na sociedade brasileira da época.

FIGURA 7

(Revista Alterosa, Junho de 1945. P. 83)

Anúncio do sabonete Lever associado a estrela hollywoodiana Pauletle Goddard. O mesmo "sabonete das estrelas" nos dias atuais tem o nome de Lux.e invariavelmente vemos esse sabonete associado aos artistas da televisão brasileira.

FIGURA 8

(Revista Alterosa, Janeiro de 1949. P. 79)

Anúncio de balas com figurinhas/ fotos dos artistas de Hollywood com venda em Belo Horizonte na época.

FIGURA 9

(Revista Alterosa, Janeiro de 1951. P. 118)

Anúncio dos cigarros Hollywood que foi e ainda é uma das marcas mais consumidas aqui no Brasil.

A "SAPATARIA METRO" na vida da cidade

Há certos estabelecimentos comerciais que, por uma serie de raras circunstâncias, entram a fazer parte da crônica de uma cidade. E' o que acontece, por exemplo, com a elegante SAPATARIA METRO, o luxuoso estabelecimento da Rua São Paulo, 622 e 628, cujas instalações constituem um legítimo motivo de vaidade para a capital mineira. Apresentando semanalmente as últimas criações da moda, entre as quais uma variadíssima coleção de modelos exclusivos, e dispensando à sociedade local um tratamento esmerado, absoluto conforto e preços razoáveis, a SAPATARIA METRO pôde conquistar o alto lugar que hoje ocupa no "carnet" da elegante mineira como a casa de cal-

FIGURA 10

(Revista Alterosa, Dezembro de 1944. P. 131)

Reportagem sobre uma Sapataria em Belo Horizonte que se chamava Metro, em referência ao grande estúdio hollywoodiano Metro-Goldwyn-Mayer.

PARA AS MÃES

Como afastar das crianças o terror da morte

Radio ARROW modêlo SONOMAGIC

* Controle automático de volume.
* Três faixas de ondas.
* Olho mágico.
* Tomada para toca-discos.

MESBLA SECÇÃO DE RADIOS

Rua da Bahia, 986

BELO HORIZONTE

AUXILIAI AS CRIANCINHAS DO ABRIGO JESUS

Caixa Postal, 734 — Belo Horizonte

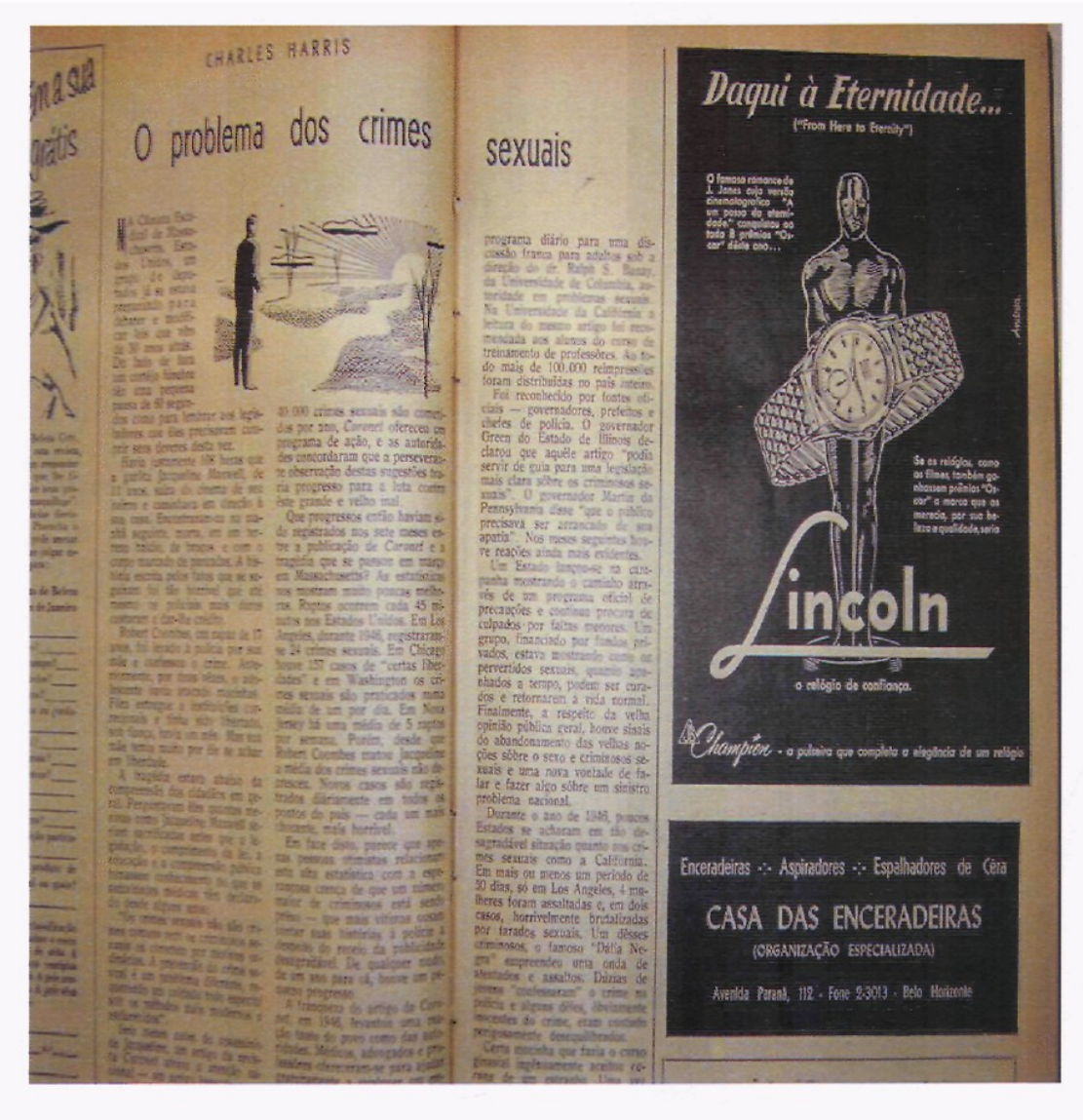
REVISTAS AMERICANAS - ASSINATURAS

DISTRIBUIDORA STANDARD DE PUBLICAÇÕES LTDA.

FIGURA 11

(Revista Alterosa, Setembro de 1952. P. 25)

Anúncio de assinaturas das principais revistas americanas da época que eram importadas e entre elas algumas revistas especializadas em cinema.



CHARLES HARRIS

O problema dos crimes sexuais

Daqui à Eternidade...
("From Here to Eternity")

O famoso romance de J. Jones cuja versão cinematográfica "A um passo da eternidade" concorreu ao todo 8 prêmios "Oscar" daste ano...

Se os relógios, como os filmes, também ganhassem prêmios "Oscar" a marca que os merecia, por sua beleza e qualidade, seria

Lincoln

o relógio de confiança.

Champion - a pulseira que completa a elegância de um relógio

Enceradeiras -:- Aspiradores -:- Espalhadores de Cêra

CASA DAS ENCERADEIRAS

(ORGANIZAÇÃO ESPECIALIZADA)

Avenida Paraná, 112 - Fone 2-3013 - Belo Horizonte

FIGURA 12

(Revista Alterosa, Julho de 1954. P. 19)

Anúncio de relógio da marca Lincoln associado ao romance que foi inspiração para o filme/í *um passo da eternidade* que conquistou o Oscar daquele ano. Hollywood sem dúvida é um dos grandes responsáveis pela nascimento da publicidade moderna.

3- AS ESTRELAS DO CINEMA HOLLYWOODIANO

3.1- O *"STARSYSTEM"*

O principal mecanismo que difunde tudo que se relaciona com o cinema hollywoodiano, sem dúvida são suas chamadas "estrelas". Esse próprio nome comumente criado para nos referirmos a atrizes e atores famosos nos dá uma característica de inacessibilidade que o termo representa. As estrelas estão distantes de nós como criaturas míticas e tudo que se relaciona a elas são dignos de adoração pelos seus fas. O ator ou atriz absorve uma essência heróica, divinizada e mítica que faz deles ídolos das multidões. Mesmo nos dias atuais, vemos como esse fenômeno é comum, mesmo não sendo exatamente igual ao do período estudado.

As estrelas dos anos 40 e 50 encarnavam tipos e personalidades quase fixas, independentes dos papéis que eram designados para fazerem. Seus rostos, corpos e roupas eram reproduzidos para além do espaço do filme. Eram alvos de fofocas das revistas que se preocupavam com tudo que acontecia em suas vidas, como casamentos, divórcios, carreira, escândalos. Suas imagens eram usadas como um veículo de venda de produtos, pois suas personalidades cinematográficas eram consumidas pelo seu público (ver figura 18). A vida pública e privada das estrelas tem sempre eficácia comercial. Elas não são

apenas o sujeito, mas também o objeto da publicidade, apresentando perfumes, sabonetes, cigarros, multiplicando-se assim a venda desses produtos.

O *"Starsytem"* é justamente esse mecanismo que transforma a figura de cada estrela de cinema de Hollywood, em referências para muitas pessoas. Os próprios estúdios eram responsáveis por criar e moldar atrizes e atores rumo ao estrelato. Era comum os estúdios inventarem e mudarem os nomes de seus atores e atrizes, e assim nascia o que a gente conhece hoje como nome artístico:

> "O veredicto final de Hollywood a respeito dos latinos foi a transformação de uma ex-bailarina espanhola chamada Margarita Carmen Dolores Cansino na maior estrela romântica da década de 40, transformação que só pôde se realizar depois que ela tingiu o cabelo de vermelho e trocou o nome para Rita Hayworth."(FRJEDRJCH, *Otto A cidade das redes,* p. 152)

Era comum também, prezar pela adequação dos papéis que fossem condizentes com os tipos já representados anteriormente por cada ator ou atriz. Interpretando o mesmo tipo para os fas, os artistas adquiriam aquela personalidade retratada nos filmes[8]. Greta Garbo era quase sempre a mulher fatal, Tyronne Power era o galã romântico, Bette Davis a mulher dominadora, Humphrey Bogart era o Gangster, Katharine Hepburn era a mulher elegante, Gary Cooper o herói corajoso, Clark Gable era o homem nobre, John Wayne era sempre o *cowboy* invencível. Dessa forma o *"Starsystem"* criava um elo de identificação muito grande entre as estrelas hollywoodianas e seus fãs.

O público tinha estereótipos já feitos e dificilmente poderiam ser mudados. Os mitos fabricados no cinema foram modelados em tipos pré-

determinados que tentavam se aproximar ao máximo da realidade. Quase todos os filmes tinham como temas, certos problemas das relações humanas e a maneira como uma estrela de cinema resolvia os seus problemas, influía no pensamento do público sobre seus próprios problemas. Por isso, os filmes possuíam um realismo que muitas vezes se confundia com a fantasia:

> " Na medida em que nós identificamos as imagens da tela à vida real, nossas projecões-identíficações próprias à vida real se colocam em movimento. Um primeiro e elementar processo de identificação-projeção confere, pois, às imagens cinematográficas bastante realidade para que as projeções-identificações ordinárias entrem em cena, ou seja um mecanismo de projeção-identificação está na origem mesma da percepção cinematográfica." (CICCO, Cláudio de. *Hollywood na cultura brasileira,* p. 63)

Dessa forma, a identificação do espectador com Hollywood, não se limita somente com uma identificação com o seu herói ou estrela predileta através da publicidade da indústria cinematográfica, mas também da necessidade real dos espectadores de terem a vida imaginária das telas. A estrela de cinema é a projeção dessa necessidade de sair de uma vida tediosa e anônima cotidiana, para busca de uma vida de prosperidade e sucessos na vida pessoal e profissional.

Não se pode esquecer também que muitos filmes produzidos por Hollywood nas décadas de 40 e 50 e assistidos no mundo inteiro eram filmes cujas produções eram baratas (filmes B nos Estados Unidos) e não possuíam as grandes estrelas. Aqui no Brasil, por exemplo, esse tipo de filme era bastante assistido e, portanto, não se pode vincular somente a "identificação-projeção" dos espectadores em relação às estrelas e os mecanismos do *"Starsystem",* com

assistir ou não filmes de Hollywood em outros países. Quero dizer com isso, que esse mecanismo capitalista, não é suficiente pra classificar a qualidade do cinema, muito menos o gosto dos espectadores, principalmente aqui no Brasil.

Contudo, sabemos que o *"Starsystem"* foi concebido por Hollywood, como mecanismo ou máquina de fabricar, manter e promover estrelas de cinema, sobre as quais se fixaram imagens divinizadas de suas virtuosidades na tela. A estrela tornou-se, desse modo, um produto específico da civilização capitalista do século XX, e porque também não do século XXI, já que ainda se tem muitos resquícios desse mecanismo nos dias atuais. Os espectadores do mundo inteiro, naquele período, invariavelmente preferiam assistir filmes, consumir produtos, ler sobre este universo, enfim, tudo que tivesse a presença das estrelas de Hollywood. Essas, como já foi dito anteriormente, representavam para os fãs "um estado de espírito", "um jeito de ser", que nos remete ao estudo mais detalhado da influência na moda e no comportamento.

3.2- FASCÍNIO REFLETIDO NA MODA E NO COMPORTAMENTO

O cinema hollywoodiano pode ser entendido como articulador de comportamentos e da moda nas décadas de 40 e 50. Ao contrário do que pode parecer, esse cinema produzia filmes com temáticas sociais comuns naquele tempo, que vinham emanadas por seus espectadores. Nesse caso, esse cinema constituía o perfil de seus espectadores e também tinha seu perfil constituído por

eles. Havia uma circulação de valores e discursos, em que os meios de comunicação potencializavam o discurso cinematográfico em função das preferências dos fãs de cinema, que também ajudavam na construção desse discurso (ver figuras 16 e 17).

Os filmes e as revistas exploravam temas íntimos, como ideais de beleza, penteados, modelos de vestidos usados por atrizes de cinema, conselhos amorosos. Naturalmente, com isso, as estrelas de cinema adquiriam arquétipos ideais que orientavam a moda e o comportamento, principalmente das mulheres. Para Edgar Morin, como cita Cristina Meneguello, a estrela de cinema é:

> "Simultaneamente deusa e mercadoria: um ideal de vida e um objeto de consumo. Para ele, a estrela é usada na publicidade como um padrão com o qual as pessoas buscam identificação, incentivadas a estabelecer pequenos mimetismos em roupas, cabelos, gestos. A propaganda serve-se do imaginário do cinema- sentimentos românticos, ideais de beleza e felicidade- na qualificação dos produtos. Use o meu sabonete, diz Betty Grable; Lever! O sabonete lever se destaca por adicionar a suas embalagens fotos de atrizes para álbuns, estratégia essa que começou nos anos 30 e contou nas décadas de 1940 e 50 com nomes como Heddy Lamarr, Lana Turner, Dorothy Lamour, Ann Sheridan, Judy Garland, Gene Tierney, Rita Rayworth, Veronika Lake, Elizabeth Taylor, Ava Gardner, Grace Kelly, Joan Crawford, Gina Lollobrigida e Kim Novak, entre outras." (MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas,* p. 102).

Adquirir determinado produto era obter as qualidades prometidas pela propaganda, que são as qualidades vinculadas ou pertencentes as próprias estrelas de cinema, (ver figura 13). No Brasil, por exemplo, vemos um produto que personifica esse "jeito de ser" hollywoodiano, que é o automóvel. A venda de determinado modelo de automóvel norte-americano aqui, aumentava depois de ser apresentado e usado pelas estrelas nos filmes recém-chegados de Hollywood. Na arquitetura, vemos também a construção de inúmeros

"Bangalôs" de estilo californianos, para deixar os brasileiros ainda mais próximos de Hollywood. Na literatura, por exemplo, vemos o crescimento da tradução e da venda de inúmeros romances de língua inglesa, sendo esses muitas vezes as fontes de enredos de filmes norte-americanos A procura dos brasileiros, pela compra de revistas americanas era cada vez maior, mostrando uma mudança comportamental muito grande.

Mais do que um simples veículo de venda de produtos, as estrelas hollywoodianas, eram antes de tudo, um meio no qual as pessoas encontravam padrões de beleza e gestual, em que o comportamento da estrela em sua vida real constituía-se num "jeito de ser" para seu público. As estrelas de cinema eram um fenômeno novo na cultura mundial, eram símbolos humanos cujas vidas cotídianas tornaram-se tão importantes, quanto suas imagens cinematográficas:

> "Os modos de ser hollywoodianos são vários e, longe de estarem isolados para os momentos no templo dos sonhos, estão altamente cotidianizados. Percebe-se como o cinema americano efetivamente tem seus canais interacoplados, de maneira a promover a formação de um gosto e de uma moral, agenciando processos de subjetivaçâo." (MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de* Estrelas, p. 134)

O mundo feminino e a moda foram, sem dúvida, os mais difundidos e influenciados por padrões comportamentais hollywoodianos. Eram muitas as fotos de atrizes de cinema nas revistas mostrando vestidos, roupas de banho e penteadas. As capas das revistas quase sempre tinham a foto de uma mulher e quase sempre também eram fotos de atrizes de cinema (ver figuras 14 e 15). Haviam também inúmeras reportagens voltadas para o comportamento feminino,

que tratavam de temas como casamento, felicidade amorosa, conselhos de como ser uma boa esposa, receitas culinárias, dicas de como se arrumar um namorado ou marido, dicas de beleza, etc. O divórcio também era um tema presente, porém muito mais na esfera dos escândalos das atrizes que se casavam e se divorciavam várias vezes. Para essas atrizes o divórcio era, considerando-se a mentalidade da época, uma atitude muito menos condenável do que para as mulheres em geral.

Paralelamente a essa visão do perfil comportamental tradicional da mulher da época, estava sendo construído um novo perfil feminino. A mulher estava se afastando cada vez mais daquela domesticidade exclusiva, passando a investir também na ascensão de suas carreiras profissionais fora do lar. Hollywood teve um papel importante nessa mudança de perfil. Era comum, por exemplo, encontrarmos inúmeras reportagens nas revistas brasileiras, mostrando como as atrizes conciliavam suas tarefas domésticas, de esposa e mãe, com suas carreiras no cinema.

Contudo, é necessário perceber que a mulher também não só seguia essa padronização de perfil construído na mídia e por Hollywood nas décadas de 40 e 50. Nessas décadas, o perfil construído em geral era o da "mulher submissa", porém não se pode generalizar esse perfil tipificado. Como diz Cristina Meneguello, "não é possível sedimentar um tipo de mulher para cada década" *(Poeira de Estrelas,* p. 152). Ainda segundo esta estudiosa, esses tipos de mulheres convivem, como a mulher influenciada pelo cinema, a mulher

moderna, a insatisfeita, a mãe e esposa sofredora, a mulher que trabalha fora, etc. Evidentemente existiam diferentes tipos de mulheres naquelas décadas, como sempre existiu em todas as décadas ao longo da história.

Principalmente, a partir dos anos 50, vemos também uma outra influência comportamental, que é sobre a figura do adolescente, advinda da mudança das temáticas abordadas pelas películas norte-americanas. A "juventude transviada", como ficou popularmente conhecida e retratada por um filme de mesmo nome, apresenta a figura do adolescente problemático. Estes foram intensamente representados por atores como James Dean, Marlon Brando, Paul Newman, Kirk Douglas. Essa nova postura adolescente explorada nos filmes de Hollywood, juntamente com o nascimento do *Rock'n roll* com Elvis Presley, foram marcantes num momento de decadência dos valores tradicionais. E de crítica, bem como de resignificação dos valores pelos jovens após a Segunda Guerra Mundial.

As imagens da mulher na mídia, por exemplo, que até meados da década de 50, eram altamente difundidas através de ideais de aparência e de relacionamentos amorosos, são substituídas a partir de meados dessa mesma década, por novas imagens de Hollywood. Imagens essas que nos mostram um pouco dos questionamentos e da ruína dos valores tradicionais. Começam a aparecer na mídia, discussões sobre a influência negativa que Hollywood exercia, sobretudo aos os jovens e às crianças. As garotas estavam cada vez mais

“acessíveis” aos rapazes, saídas noturnas, rapazes que se envolviam em constantes brigas e com a velocidade dos carros e motos, rapazes vestindo jaqueta de couro e jeans. Tudo isso era bastante retratado nos filmes e se refletiam claramente nos comportamentos dos jovens brasileiros, daí essa preocupação crescente da sociedade e da própria mídia em retratar esses temas.

Portanto, esse fascínio da sociedade brasileira das grandes capitais pelo cinema hollywoodiano, ultrapassava o simples ato de assistir os filmes. Seja na influência direta na manutenção ou na mudança de valores sociais, seja na influência no jeito de se vestir, seja na influência comportamental, o fato é que Hollywood criou naquele momento as raízes de uma influência social e cultural no Brasil, que perduram até hoje, mesmo que de forma mais amenizada em relação à esse período estudado.

Enfim, esse cinema estava "cotidianizado" em diversas formas na vida de muitas pessoas, nas mídias locais e nas próprias grandes cidades brasileiras. O surgimento das grandes salas de cinema coincide com a crescente urbanização dessas cidades. Esses cinemas se tornam referências arquitetônicas e sociais das grandes capitais brasileiras e faz-se necessário estudarmos um pouco o surgimento dos mesmos. Belo Horizonte, assim como nas demais capitais brasileiras, viu o fenômeno de alastramento de cinemas por toda a cidade e é justamente isso que será visto no próximo capítulo.

FIGURA 13

(Revista Alterosa, Janeiro de 1944. P. 43)

Anúncio de maquiagcm da marca Max Factor associada à estrela hollywoodiana Lucille Bali, dos estúdios da MGM.

FIGURA 14

(Revista Alterosa, Agosto de 1944. P. 90-91)

Um enviado especial da revista em Hollywood conseguiu os autógrafos nas fotos de várias atrizes famosas. Fotos essas que foram publicadas na seção “Saudações de Hollywood” vemos em destaque uma destas fotos autografadas de Paulette Goddard.

FIGURA 15

{Revista Alterosa, Dezembro de 1951. Capa)

Uma das capas da Revista Alterosa com a foto da Atriz Rita Hayworlh, uma das grandes divas da história do cinema hollywodiano

De Cinema

OS ARTISTAS MAIS POPULARES DO CINEMA

A POPULARIDADE é, quase sempre, para os artistas de cinema e os políticos, a ante-sala da gloria e a certeza da imortalidade... O público, que resolve, trocando, com o espírito de uma criança, o destino infausto ou glorioso dos artistas... Não adianta, portanto, ironizar a insistência filosófica do Ricardo: "vox populi, vox Dei!" Ainda mais agora, nesta época bendita de eleições e reivindicações populares...

Realizou-se, há pouco, em Hollywood, um plebiscito para a verificação do grau de popularidade dos artistas. Segundo apurou o famoso Instituto Gallup, os artistas mais populares do cinema nesta metade do ano são, entre as "estrelas", Ingrid Bergman, Bette Davis, Judy Garland, Greer Garson, Betty Grable; e, entre os "galãs", Gary Cooper, Bing Crosby, Clark Gable, Van Johnson e Spencer Tracy.

E' estranhavel que entre as "estrelas" não figurem Hedy Lamarr, June Allyson, Greer Garson e, entre os marmanjos, Cornel Wilde, Robert Taylor e, o que é mais surpreendente, esse notável Charles Boyer, no apogeu de sua carreira. Não é o caso de popular é assim mesmo. O velho Gary Cooper lá está, e novamente o sucesso do bom-pastor, do Gable, e parece que continuará.

Vamos aguardar os resultados finais para a consagração dos mais populares de 1946. Vai ser, tu certa, uma luta de gigantes, de vez que, entre os grandes filmes correndo os Estados Unidos, estão na frente "Aventura", que marca a volta de Gable e nova vocação de Greer Garson; "O Professor e a Cantora", com Boyer e esta notavel Jennifer Jones, que não é mais a menina que se conhecemos, mas uma garota modernissima, verdadeira estrela... E não deve influir muito na apuração final o êxito de Ray Milland em "Farrapo Humano", que conquistou quatro "Oscar" e uma grande popularidade para o ganhador entre...

JUDY GARLAND, da Metro

PRÓXIMAS ESTRÉLAS

O SEGRÊDO DA BELEZA FEMININA

Receba gratuitamente este folheto que ensina como tratar a sua cútis, conservando e aprimorando a sua beleza. Um verdadeiro guia para as mulheres que se cuidam.

BASTA MANDAR O SEU NOME E ENDEREÇO

à R. da Alfandega, 181-Rio (Esquina Paranás & Irmão)

OFERTA DOS PRODUTOS DE MME. GRAÇA

Veja Publicidade

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saberá de como discutir para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se êste suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e [illegible]

cútis tra

em 3

FIGURA 16

(Revista Aiterosa, Outubro de 1946. P. 96)

Reportagem que falava sobre os artistas mais populares do cinema na época, depois de feita algumas enquetes com o público da revista.

FIGURA 17

(Revista Alterosa, Maio de 1947. P. 98-99)

Reportagem chamada “A deliciosa mentira do cinema” abordando o tema da ficção e dos romances fictícios como forma de entretenimento.

Não são poucos os artistas que vêm para o nosso país e aqui se aclimatam apesar das circunstâncias ainda adversas ao desenvolvimento da arte. Ela bem pouco tempo, aliás, foi considerada com a Ordem do Cruzeiro do Sul a atriz francesa Henriette Moraisnes, pela contribuição que emprestou ao movimento teatral brasileiro. Eis porque tem razão de ser os festejos com que se prependem comemorar os 25 anos de atividades artísticas do teatrólogo polonês Zbigniew Ziembinski, que há 19 anos colabora no desenvolvimento do nosso teatro.

Ziembinski nasceu em 1908 na cidade polonesa de Wieliczka, onde realizou seus primeiros estudos. Pretendia estudar medicina, como o pai, mas quando realizou seu primeiro trabalho no palco descobriu sua verdadeira vocação. Daí em diante só pensou no teatro.

Fêz um rápido curso de teatro na Universidade de Cracóvia e foi aprovado perante a banca da Sociedade dos Artistas Polonêses.

Permaneceu no teatro de Cracóvia durante 2 anos, fazendo tudo o que lhe era atribuído, desde pequenos a grandes papéis. Já nesse período de aprendizado surgiram-lhe boas oportunidades.

Ziembinski

kov, «A Milíncia» de Gr... e «Henrique IV» de P... lo. A última peça que... e representou, antes de ... ra, foi «Genoveva de Br... pré-estréia para estrangeiros espetáculos já se ... sob as bombas hitlerist...

Em 1938 deixou a Polônia ... na Rumânia, organizando ... tro polonês para o exílio ... sua Pátria que lá se ...

Em Paris fundou o «Théâtre aux Armes» que percorreu ... rias cidades européias.

Chegou ao Brasil em 19... e se pôs logo em contato ... teatrólogos brasileiros ... grando-se no grupo dos «... mediantes». Desde então ... dirigindo peças de sucesso ... seu caráter artístico, ... como «Vestido de Noiva» ... Nelson Rodrigues e «Pelléas ... Mellissande» de Maeterlinck ... onde também atuou ... ator.

Pertence, no momento, ... Elenco Permanente do Teatro ... Brasileiro de Comédia, ... continua o seu trabalho ... prol do engrandecimento ... teatro brasileiro.

BALAS AMÉRICA

PATENTE PRE...

em novo e sensacional plano com figurinhas ... ÚTEIS E INSTRUTIVAS

Agora com novas figurinhas em circulação, o que ... completar rapidamente as ...

CENTENAS DE PRÊMIOS! — PARA O INTERIOR OS PRÊMIOS JÁ SEGUEM JUNTAMENTE COM O PEDIDO DAS BALAS.

ACEITAMOS REPRESENTANTES EM CONTA PRÓPRIA — REMETEMOS PELO REEMBOLSO AÉREO, PELA «AEROVIAS BRASIL» OU PELA «NACIONAL»

Pedidos para: Rua Espírito Santo, 452 — Sala 1 — Belo Horizonte — Minas Gerais

ALTEROSA ✣ DEZEMBRO DE 1951

FOTOS DE ARTISTAS DO CINEMA

(Pôses — Maillots — Cow-Boys) Tamanho 8 x 22 cts. — Papel Brilhante: 12 por Cr$ 30.00 — 25 por Cr$ 50.00 — 36 por Cr$ 70.00 — 45 por Cr$ 90.00.

ASTROS

Pierre Andrews — Pierre Aumont — Tyrone Bey — Humphrey Bogart — Charles Boyer — James Cagney — Richard Carlson — Gary Cooper — Ronald Colman — Joseph Cotten — Bing Crosby — Helmut Dantine — Nelson Eddy — Errol Flynn — Henry Fonda — Glenn Ford — Clark Gable — John Garfield — Gary Grant — Rick Haynes — Paul Henreid — John Hodiak — Van Johnson — Alan Ladd — Peter Lawford — Victor Mature — Ray Milland — Jose Mojica — Ricardo Montalban — George Montgomery — Dennis Morgan — John Payne — Gregory Peck — Tyrone Power — Robert Rooney — Saba — George Sanders — Frank Sinatra — Robert Taylor — John Wayne — Johnny Weissmuller — J. Weissmuller c/ B. Joyce — Cornel Wilde.

ESTRELAS

Joan Alison — Laurence Harvil — Linda Batista — Ingrid Bergmann — Ann Blyth — Barbara Bolton — Claudette Colbert — Helenita Costa — Jeanne Crain — Joan Crawford — Linda Darnell — Betty Davis — Yvonne De Carlo — Gloria De Haven — Olivia de Havilland — Irene Dunne — Deanna Durbin — Jane Frazee — Samia Gamal — Ava Gardner — Judy Garland — Greer Garson — Francis Gifford — Paulette Goddard — Mary Gonçalves — Betty Grable — Bonita Granville — Kathryn Grayson — Jane Greer — Susan Hayward — Rita Hayworth — Katherine Hepburn — Gloria Jean — Evelyn Keyes — Veronica Lake — Hedy Lamarr — Dorothy Lamour — Vivian Leigh — Joan Leslie — Irene de Marshall — Virginia Mayo — Ann Miller — Carmen Miranda — Maria Montez — Marie Oberon — Margaret O'Brien — Maureen O'Hara — Naomi Peters — Ella Raines — Dona Reed — Ginger Rogers — Gail Russell — Jane Russell — Elizabeth Scott — Ann Sheridan — Alexis Smith — Barbara Stanwyck — Shirley Temple — Gene Tierney — Martha Tyrrel — Lana Turner — Beverly Tyler — Esther Williams.

MAILLOTS

Ann Harding — Linda Darnell — Danielle Darrieux — Yvonne De Carlo — Gloria De Haven — Deanna Durbin — Jane Greer — Ava Gardner — Betty Grable — Bonita Granville — Kathryn Grayson — Susan Hayward — Rita Hayworth — Evelyn Keyes — Veronica Lake — Hedy Lamarr — Dorothy Lamour — Vivian Leigh — Joan Leslie — Marie McDonald — Marilyn Maxwell — Virginia Mayo — Ann Miller — Maria Montez — Maureen O'Hara — Naomi Peters — Ella Raines — Patricia Roc — Ginger Rogers — Dona Reed — Gail Russell — Jane Russell — Ann Sheridan — Alexis Smith — Barbara Stanwyck — Linda Darnell.

COW-BOYS

Gene Autry — Bob Baker — Red Cameron — Ray "Crash" Corrigan — Larry "Buster" Crabbe — Bill Elliot — Errol Flynn — John Hall — Tim Holt — Buck Jones — Alan Lane — Robert Livingston — Johnny Mac Brown — Brenda Marshall — Don Red Barry — Noah Beery Jr. — William Boyd — Ken Maynard — Tim Mc Coy — Gregory Peck — Jack Randall — Tex Ritter — Roy Rogers — Charles Starrett — Rob Stevie — Tom Tyler — John Wayne.

Além das fotos dos artistas mencionados, possuimos muitas outras. Remetemos pelo

REEMBOLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

Pedidos para

CANCIO DE OLIVEIRA — Caixa Postal, 724 — Belo Horizonte — Minas

ALTEROSA ✣ DEZEMBRO DE 1951

FIGURA 18

(Revista Alterosa, Dezembro de 1951. P. 169)

Anúncio de venda de fotos de artistas de cinema (poses-maillots-cowboys) em Belo Horizonte.

4- UM POUCO DA HISTÓRIA DOS CINEMAS DE BELO HORIZONTE

4.1- OS CINEMAS E A URBANIZAÇÃO DA CIDADE

Nas grandes capitais do Brasil, como em Belo Horizonte, a maioria da população frequentava as salas de cinema centrais ou de bairros pelo menos uma vez por semana. O cinema se tornou parte da cultura urbana, crescendo junto com a cidade e refletindo-a. No alvorecer da urbanização da nova capital mineira, entre as décadas de 20 e 30, surgem os primeiros grandes cinemas no centro da cidade, inspirados nos *"movie-palaces"* americanos. Muitos desses são comprados ou construídos pelos grandes estúdios hollywoodianos.

Esses grandes monumentos arquitetônicos se tornaram durante muito tempo, referências para Belo Horizonte e seus cidadãos. A grandiosidade e o luxo desse "palácios" se refletiam nos vitrôs coloridos e nos pisos desenhados, tornando-os centros de lazer de toda a cidade. A própria sociedade, através de reportagens na mídia belo-horizontina, deixava transparecer o orgulho que tinham desses cinemas na cidade.

As salas de cinema que já vinham sendo inauguradas, uma após outra em Belo Horizonte no início do século XX, por volta de 1920 passam a seguir um ritmo ainda mais acelerado de inaugurações. Em 1920, foi construído, na avenida Afonso Pena 759, o *Cine Pathê,* sem, porém, sobreviver durante muito tempo, já que foi fechado em 1933 (ver figura 20). Em 1922, o *Cine Avenida,*

também na avenida Afonso Pena, foi inaugurado na propriedade da Empresa Gomes Nogueira, no prédio da Associação Comercial do Estado (ver figura 19). Em 1927, inaugura-se o *Cinema Democrata,* no bairro Barro Preto, que em 1956 transformou-se no *Cine Roxy,* de propriedade da Cinemas e Teatros Minas Gerais. Ainda em 1927, surge o *Cine Glória* na Avenida Afonso Pena, com capacidade para 1200 pessoas. Nos seus 30 anos de existência, esse famoso Cine foi um dos que mais resistiu na capital mineira sendo dirigido pela produtora e distribuidora norte-americana *Metro-Goldwyn-Mayer.* Em 1930, na rua da Bahia 307, era inaugurado o cinema *Vitória,* que depois seria rebatizado de *Cine Teatro Odeon* em 1934. Já em 1932, Belo Horizonte viu surgir um dos maiores cinemas do país até então, que se manteve como um dos maiores campeões nacionais de bilheteria. Em 14 de julho de 1932, a empresa Cine Teatral inaugurou na Praça Sete, o *Cine-Teatro Brasil* que foi uma gigantesca casa de espetáculos da cidade que marcou a capital mineira por muito tempo. Sua construção imponente ainda existe atualmente, mas seus espetáculos já à algum tempo já não existem mais (ver figuras 21 e 22).

Renovações arquitetônicas e remodelações internas, sempre acompanharam as inaugurações dos cinemas em Belo Horizonte, principalmente ao longo da década de 30. Com o advento dos filmes sonoros e também com o chamado "Cinemascope"[9] na década de 50, os cinemas tiveram que adequar suas instalações a essas novas tecnologias que apareciam na indústria

cinematográficas. Mesmo porque, se não aderissem a essas novas tecnologias, poderiam perder o público que era bastante exigente e que estava sempre sedento de novidades. Fato que aconteceu com vários cinemas de Belo Horizonte, que acabaram sendo fechados, justamente por não acompanharem essas inovações tanto em termos tecnológicos, como em suas instalações.

O final da década de 30 e toda década de 40, como já foi dito anteriormente, formaram o período que ficou marcado como os "anos dourados" do cinema hollywoodiano. Durante esse período a linguagem, a enorme quantidade de filmes produzidos e até a qualidade desses filmes atingiram seu ponto máximo. Naturalmente, toda essa pujança se refletia nos cinemas de Belo Horizonte, que se tornaram cada vez maiores e mais luxuosos sendo prestigiados por um público também crescente e fascinado pelas produções cinematográficas vindas de Hollywood:

> "Foi a época de produção do maior número de filmes que se tornaram clássicos e campeões de bilheteria, como *Tempo das Diligências, Ninotchka, E o Vento Levou* (que revelou as cores das imagens em movimento para as platéias de todo o mundo), *Casablanca, O Grande Ditador e Cidadão Kane.* A industria do entretenimento se tornava um dos investimentos mais lucrativos e experimentava sua mais notável expansão." (BRAGA, Ataídes. *O fim das coisas,* p. 15).

Assim como o cinema, Belo Horizonte também se transformava e se expandia na década de 40, já que estava em pleno crescimento urbano, populacional e de modernização. O processo de industrialização da cidade foi acelerado em decorrência da Segunda-Guerra Mundial, com a construção da

Cidade Industrial Juventino Dias. No centro da cidade estavam sendo construídos muitos edifícios, onde se concentravam os principais estabelecimentos comerciais. O sistema viário também se transformava, ajudando na urbanização e expansão da cidade, através da abertura de novas ruas e avenidas que ligavam os bairros distantes ao centro, como também, através do asfaltamento das principais vias. A década de 40 também ficou marcada pela construção do complexo arquitetônico da lagoa da Pampulha que se tornou outro marco representativo da cidade de Belo Horizonte. Fato idealizado e feito pelo então prefeito de Belo Horizonte Juscelino Kubitschek.

Dos anos 40 e 50, os cinemas tornaram-se a grande diversão popular sendo acessível a todos da cidade que gostavam de filmes, pois até o preço das entradas estavam se popularizando. Uma amostra dessa popularidade nesse período, é que as inaugurações de novos cinemas se alastraram também para os bairros, acompanhando o próprio crescimento e desenvolvimento da cidade. O *Cinema São Carlos,* na rua Padre Eustáquio, no bairro de mesmo nome, foi o marco inaugural desses cinemas de bairro, sendo aberto em 1939 e ficando em atividade até 1980. Em 1942 foram vários os cinemas inaugurados, como o *São Luiz,* na rua Espírito Santo, o *cine São José* na rua Platina, no bairro Prado, o *Cinema Bagdad,* na avenida Brasil com a rua Álvares Marciel, entre outros. Mas o grande destaque desse ano foi sem dúvida a abertura do *Cine Metrópole,* na

esquina das ruas Goiás e Bahia, onde funcionava antes o teatro municipal de Belo Horizonte.

Juscelino Kubitschek estava convicto no projeto de construção do Palácio das Artes, quando em 1940, vendeu o teatro municipal à empresa Cine Teatral Ltda. Essa empresa conservou a fachada do Teatro Municipal e inaugurou o *Cine Metrópole* com o filme *Tudo isto e o céu também* (ver figuras 23 e 24). Além dos filmes, o *Metrópole* também se tornou uma grande casa de espetáculos teatrais e musicais adquirindo grande prestígio na cidade. O *Cine Metrópole* e o *Cine Brasil* eram nas décadas de 40 e 50, os cinemas exclusivos para estréias dos filmes das principais produtoras hollywoodianas (Warner, 20th Cenrury Fox, Metro, Paramout e Universal). A partir de 1943 e até o final da década foram inaugurados mais 15 salas de cinema por toda a cidade e na década de 50 foram mais 14 os cinemas inaugurados, caracterizando não só o auge do furor que os filmes causavam na população belo-horizontina, mas a importância e influência que esses cinemas tinham no cotidiano das pessoas em Belo Horizonte e na própria urbanização desta.

Os anos 50 também foram caracterizados pelo nascimento da televisão e sua popularização no Brasil. A TV Itacolomi nasceu em 1955, oferecendo outra opção de entretenimento aos belo-horizontinos, atingindo grande sucesso em sua programação. Contudo, mesmo com esse sucesso, a televisão não chegou a estabelecer nos primeiros anos de sua existência, uma concorrência direta com o

cinema. Sua tela reduzida, suas imagens em preto e branco e a precariedade técnica das transmissões, não podiam ser comparadas às novidades que o cinema apresentava naquela época como: superproduções em Cinemascope, som estéreo, exibição em cores, por exemplo. Ou seja, as exibições cinematográficas em Belo horizonte continuavam a atrair um público numeroso que tinha na TV apenas mais um meio de diversão.

Evidentemente, que com as evoluções técnicas da televisão à partir de 1960, esta torna-se uma ameaça real ao público do cinema. As grandes salas do circuito comercial sofrem com a queda nas bilheterias e a decadência destas era algo inevitável, culminado na década de 70, com o fechamento de várias dessas salas. Contudo não foi somente a televisão a grande vilã que causou decadência das salas de cinema em Belo Horizonte e em todo o mundo, como pode parecer. Várias salas do circuito comercial estavam com suas instalações sucateadas pelo descaso de seus proprietários que passaram a se dedicar à exibição de produções de baixa qualidade como filmes de violência e sexo e a repetitividade desses, também ajudaram no afastamento do antigo público. Os próprios hábitos e referências da sociedade belo-horizontina do início do século passado estavam sendo transformados, à medida que a metropolizaçao da cidade avançava à partir dos anos 60. Portanto, o distanciamento do público das salas foi causado por um conjunto de circunstâncias que se tornaram inevitáveis no percurso da história do cinema em todo mundo.

De nada adiantou as tentativas de reavivamento e retomadas com surgimento de alguns cinemas na década de 80 em Belo Horizonte. O surgimento do *Home Vídeo* também nos anos 80, ajudou na transformação dos hábitos e na diminuição da frequência da ida aos cinemas, sepultando de vez um período de "lua de mel" de quase 50 anos entre as grandes salas de cinema com seu público. Os cinemas nunca mais seriam os mesmos e nos dias atuais percebemos isso, já que se quisermos ir ao cinema, então temos que escolher um Shopping, porque quase todas as salas de cinema de hoje se encontram nesses estabelecimentos. O ato de ir ao cinemas mudou bastante porque antes se ia somente nos cinemas e isso era um acontecimento social por si só. Nos dias atuais vamos aos Shoppings e entre outras coisas que vamos fazer lá, vamos também ver filmes.

Sendo assim, relembrar essa trajetória histórica dos cinemas em Belo Horizonte, é de fundamental importância para se reconstruir parte memória da cidade, que por muito tempo foi negligenciada. Esses cinemas fizeram e fazem parte da vida de muitas pessoas e contar a história desses, é também contarmos parte da história de vida de muitas pessoas. O imaginário social que existia naquela época em relação aos cinemas e aos filmes Hollywoodianos em Belo Horizonte, ainda vive não só com as pessoas que viveram naquele período, mas em todos nós atualmente, que sofremos a influência direta desse imaginário.

FIGURA 19

(BRAGA, Ataídes. *O Fim das coisas.BH:* CRAV, 1995. P. 12-13)

Foto da fachada do Cine Avenida inaugurado em 1922, na avenida Afonso Pena em Belo Horizonte.

FIGURA 20

(BRAGA, Ataídes. *O Fim das coisas*.BH: CRAV, 1995. P. 12-13)

Foto fachada do Cinc Pathe inaugurado em 1921, também na avenida Afonso pena em Belo Horizonte.

FIGURA 21

(BRAGA, Ataídes. *O Fim das coisas.* BH: CRAV, 1995. P.18-19)

Foto da fachada do Cine Brasil inaugurado em 1932 na Praça Sete em Belo Horizonte. O cine Brasil foi um dos campeões de bilheteria de toda a história dos cinemas do Brasil.

FIGURA 22

(BRAGA, Ataídes. *O Fim das coisas.* BH: CRAV, 1995. P.18-19)

Foto panorâmica do Cine Brasil na Praça Sete em Belo Horizonte, na década de 50.

FIGURA 23

(BRAGA, Ataídes. *O Fim das coisas.* BH: CRAV, 1995. P. 24-25)

Cartaz da sessão inaugural do Cine Metrópole em 1942. O Metrópole se encontrava na confluência das ruas Goiás e Bahia em Belo Horizonte.

FIGURA 24

(BRAGA, Ataídes. *O Fim das coisas.* BH: CRAV, 1995. P. 24-25)

Folo da fachada do Cine Metrópole.

5- OS FILMES HOLLYWOODIANOS NO IMAGINÁRIO SOCIAL DE BELO HORIZONTE

5.1- FILMES E ARTISTAS MAIS POPULARES NAS REVISTAS

Ao analisarmos as revistas *O cruzeiro* e *Alterosa,* podemos perceber que inúmeros artistas e filmes de determinados gêneros apareciam com muita frequência em todos as edições desse período de reflexão. Essas revistas tinham uma circulação muito grande em Belo Horizonte e obviamente, que se determinado ator ou atriz aparecia mais vezes nessas revistas, seja em fotos, em reportagens ou em entrevistas, era porque o público se interessava mais pela vida desses artistas. Se determinado gênero de filme (gângster, faroeste, comédia e romance), apareciam mais vezes nos anúncios de propaganda e nas reportagens das revistas, era devido principalmente às preferências do público, pelo menos do público destas revistas.

Portanto, pode-se tentar apontar os artistas e filmes mais populares de Hollywood em Belo Horizonte, ou seja, aqueles que possuíam um maior alcance no imaginário social da época e porque não, um maior alcance na memória coletiva atual. Contudo, como em toda análise midiática, é necessário filtrarmos muitas informações, de modo a garantir a não generalização das conclusões. A mídia reflete muito do que foi a sociedade daquela época, na qual o cinema estava presente de forma intrínseca.

Antes do simples ato de abrir uma revista daquela época, logo em todas as capas já havia sempre figuras femininas, quase sempre atrizes de Hollywood ou mulheres de destaque da sociedade local. Na década de 30, por exemplo, podemos ver em destaque uma maior identificação do público e das revistas com os filmes e com tudo que dizia respeito à vida da atriz Greta Garbo. E esta arriz foi sem dúvida o grande nome de Hollywood naquela década, pois ela arrastava inúmeros fãs aos cinemas pelo mundo. Era comum vermos muitas cartas de fãs para a "Senhorita Garbo" nas revistas.

Nas décadas de 40 e 50 o número de artistas hollywoodianos em destaque nas revistas aumenta bastante. Eram diversas as Sessões relacionadas ao cinema como: " Novidades de Hollywood", " O guarda-roupa das estrelas", "Modelos do mês", "Moda praia", "Conselhos de maquiagem", "Saudações de Hollywood", "Bilhetes de Nova York", "Vestidos de gala", "A câmera indiscreta", etc , todas essas seções trazendo os artistas que o público queria ver cada vez mais. Até anedotas que envolviam os artistas de Hollywood, estavam presentes nessas revistas, como a seguinte, intitulada "A Divina Rita":

> "Nos bons tempos em que Rita Hayworth e Orson Welles ainda gozavam sua lua de mel, durante uma filmagem o rosto de Rita, aquecido pelo excessivo calor dos projetores cinematográficos, começou a brilhar, molhado de suor:
>
> > Parem !!! - gritou o diretor - Miss Hayworth está suando. - É preciso recompor sua maquilagem.
> > Welles, que assistia ao trabalho da esposa, saltou, e de pé gritou, furioso:
> > Evite usar a palavra suar quando referir-se à Miss Hayworth! Os cavalos suam, as pessoas transpiraram, mas Rita Reluz !!!!". (AUTOR ANÔNIMO. *Revista Alterosa,* Setembro de 1953, p. 97)

Dessa e de outras formas, alguns nomes literalmente “infestavam” as revistas como: Rita Hayworth, Joan Crawford, Marlene Dietrich, Rosalind Russel, Johnny Weissmuller, Lana Turner, Ava Gardner, Verônica Lake, Clark Gable, Ray Milland, Paulet Godard, John Wayne, Judy Garland, Charles Chaplin, Katarine Hepburn, Deanna Durbin, Tyrone Power, Shirley Temple, Mickey Rooney, Dorothy Lamour, Heddy Lamarr, Donna Reed, Ginger Rogers, Claudette Colbert, Gary Cooper, Ingrid Bergman, Bob Hope, Bing Crosby, Gene Kelly, Fred Astaire, Laurence Olivier, Elvis Presley, Betty Hutton, James Dean, Marilyn Monroe, Marlon Brando, Elisabeth Taylor, James Cagney, Carmen Miranda, Errol Flynn, Vivian Leigh, Humphrey Bogart, Charles Boyer, Bette Davis, etc. Esses nomes foram os que mais apareceram nas revistas analisadas das décadas de 40 e 50 e sem dúvida eram a linha de frente dos principais e mais populares artistas de Hollywood da época.

No caso dos géneros dos filmes, também se pode perceber algumas preferências, aqui no Brasil, por determinados gêneros e diretores através de alguns títulos de filmes que aparecem com mais frequência nessas revistas. Os anúncios e reportagens sobre os filmes da época nos mostram a preferência pelos gêneros: romance, comédia, faroeste e gângster. Na década de 30, os filmes em destaque nas revistas foram: o drama romântico de 1933 *“Rainha Christina”* (Greta Garbo, John Gilbert), a comédia de 1936 *"Tempos Modernos”* (Dir. Charles Chapim, com Charles Chaplin), o gângster de 1938 *"Anjos da cara suja”*

(Michael Curtiz, James Cagney), o faroeste de 1939 *"No tempo das diligências"* (Dir. John Ford, com John Wayne), o drama épico de 1939 *"E o vento levou"* (Dir. Vitor Fleming, com Clarke Gable, Vivian Leigh e Olívia de Havilland), o romance de 1939 *"O morro dos ventos uivantes"* (Dir. William Wyler, com Laurence Olivier, Merle Oberon), a comédia romântica *"Ninotchka"* (Dir. Ernest Lubitsh, com Greta Garbo e Melwyn Douglas)

Na década de 40 se destaca também alguns outros filmes e diretores que se tornaram clássicos do cinema e que estiveram bastante presentes na mídia da época como: *"Tudo isso e o céu também"* de 1940 (Dir. Anatole Litvak, com Charles Boyer e Bette Davis), *"As vinhas da ira"* de 1940 (Dir. John Ford, com Henry Fonda), *"O grande ditador* de 1940" (Dir. Charles Chaplin, com Charles Chaplin), *"Cidadão Kane"* de 1941 (Dir. Orson Welles, com Orson Welles, Joseph Cotten), *"Casablanca"* de 1942 (Dir. Michael Curtiz, com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman), *"Desde que partiste"* de 1944 (Dir. John Cromwell, com Claudette Colbert, Jennifer Jones e Joseph Cotten), *"Gilda"* de 1946 (Dir. Charles Vidor, com Rita Hayworth e Glen Ford), (ver figuras 25, 26 e 27).

Já na década de 50, estavam em destaque nas revistas os filmes: *"Cantando na chuva"* de 1952 (Dir. Stanley Donen, com Gene Kelly, Debbie Reynolds), *"A um passo da eternidade"* de 1953 (Dir. Fred Zinnemann, com Burt Lancaster, Débora Kerr, Frank Sinatra, Montgomery Clift), *"A condessa descalça"* de 1954 (Dir. J. Mankiewicz, com Ava Gardner e Humphrey Bogart),

"Juventude transviada" de 1955 (Dir. Nicholas Ray, com James Dean e Natalie Wood), "O *prisioneiro do rock?"* de 1957 (Dir. Richard Thorpe, com Elvis Presley).

Portanto, através da presença, muitas vezes repetitiva de alguns nomes de artistas e de filmes hollywoodianos, não só nas revistas em especial, mas em toda mídia em geral, pode-se reconstituir um pouco de uma época em que os espectadores de cinema no Brasil, eram ligados de uma forma muito íntima com seus ídolos e filmes prediletos. Contudo, esses espectadores de forma alguma eram desapropriados de senso crítico e podiam escolher assistir o que quisessem ou que achassem melhor assistir. Esses espectadores, em sua maioria, sabiam diferenciar os filmes bons, dos filmes ruins, sejam de Hollywood, sejam brasileiros ou de qualquer outra cinematografia. Sendo assim, faz-se necessário a análise do perfil e postura dos espectadores brasileiros diante das mensagens e imagens hollywoodianas.

5.2- PERFIL, AÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPECTADOR

A ampla circulação de elementos na mídia brasileira relacionados ao cinema hollywoodiano clássico, nas décadas de 30, 40 e 50, estabeleceu relações sociais e culturais que se inscreveram no cotidiano das pessoas nas grandes cidades brasileiras. Essas relações se deram de maneira tão profunda, que muitas delas permanecem em nossos dias, como a própria preferência que o grande

público ainda tem pelos filmes de Hollywood. Na mídia belo-horizontina, por exemplo, podemos perceber que, as relações entre o cinema americano e a formação de seus espectadores naquelas décadas, não se resumiam à imposição de valores culturais.

Os temas vinculados de forma específica, tanto pelos filmes, quanto pela mídia, efetivamente produziram seus espectadores através de uma padronização de seus gostos e costumes, porém não de uma forma imposta. Isto não significava que nesse processo o espectador recebesse de forma passiva os padrões estéticos e os comportamentais vindos dos filmes e das revistas. É preciso levar em conta, que os espectadores do cinema não eram, nem são, uma massa única e homogênea, pois possuem subjetividade, sendo também produtores de possibilidades e inventividades em seu cotidiano.

São justamente essas possibilidades cotidianas do espectador, que permitiam que este fizesse sua própria análise dos temas que se relacionam com a influência do cinema americano em nossa sociedade. Temas recorrentes da época, como a relação do cinema e a mulher estavam sempre em destaque, tendo exemplo nessa crônica intitulada "A Faceirice Feminina" :

> "Muita gente condena a sugestão que as artistas de cinema exercem sobre as mulheres, como que lhes aguçando a habilidade imitativa. Não há razão para isso. Para tudo na vida, há modelos, exemplos, sugestões. As criadoras de moda, como os criadores de estilo, tem a função de apurar e desenvolver o gosto estético. E depois pode-se imitar, criando, imprimindo à imitação o sinal da personalidade própria." (AUTOR ANÔNIMO. *Revista Alterosa,* Março de 1944, p. 52)

Abordagens como essa, nos mostram a capacidade crítica dos espectadores e da própria mídia, no que se referem à influência cotidiana do cinema aqui no Brasil. Dessa mesma forma apareciam também discussões sobre: a censura de alguns filmes que a sociedade da época julgava impróprio para as crianças, razões pelas quais as estrelas de cinema apareciam tão frequentemente nas capas das revistas, quem eram os artistas mais populares do cinema na época, o cinema diante da concorrência da televisão, as inovações tecnológicas do cinema, o anti-comunismo no cinema. Portanto, muitos dos aspectos discutidos nesse trabalho e em outros sobre o mesmo tema, fazem essas mesmas discussões que já vinham sendo feitas, muitas vezes dentro da própria mídia da época.

Sendo assim, numa análise mais criteriosa, é preciso ponderar a idéia de que o cinema americano "produz" espectadores pelo mundo. De fato, Hollywood possuía e ainda possui legiões de fãs pelo mundo, mas que não foram fabricados numa lógica capitalista de produção. É preciso considerar também, que existem uma série de fatores que limitam essa "produção em massa". Diferenças culturais e sociais entre países, entres cidades e até mesmo entre o público que frequentava os cinemas, nos mostram porque é preciso relativizar essa idéia. Nessa relação cinema-mídia-espectador, este último, também é produtor, pois os filmes eram produzidos de acordo com sua preferência, as revistas traziam os assuntos sobre cinema que mais lhe interessava. Ou seja, tudo nessa relação,

girava em torno das preferências e da postura crítica do espectador. Portanto, mesmo que indiretamente, esse também influenciava de forma decisiva na produção do cinema hollywoodiano do qual tanto gostava, sem deixar de lado sua capacidade crítica.

FIGURA 25

(Revista *Alterosa,* Janeiro de 1943. P. 93)

Anúncio dos filmes em cartaz no Cine Brasil e no Cine Metrópole. No detalhe abaixo a programação complementar ou mais conhecida como “Matinê”, com programas nacionais.

FIGURA 26

(Revista *Alterosa,* Maio de 1943. P. 129)

Anúncio de outros dois filmes em cartaz no cine Metrópole e no cine Brasil.

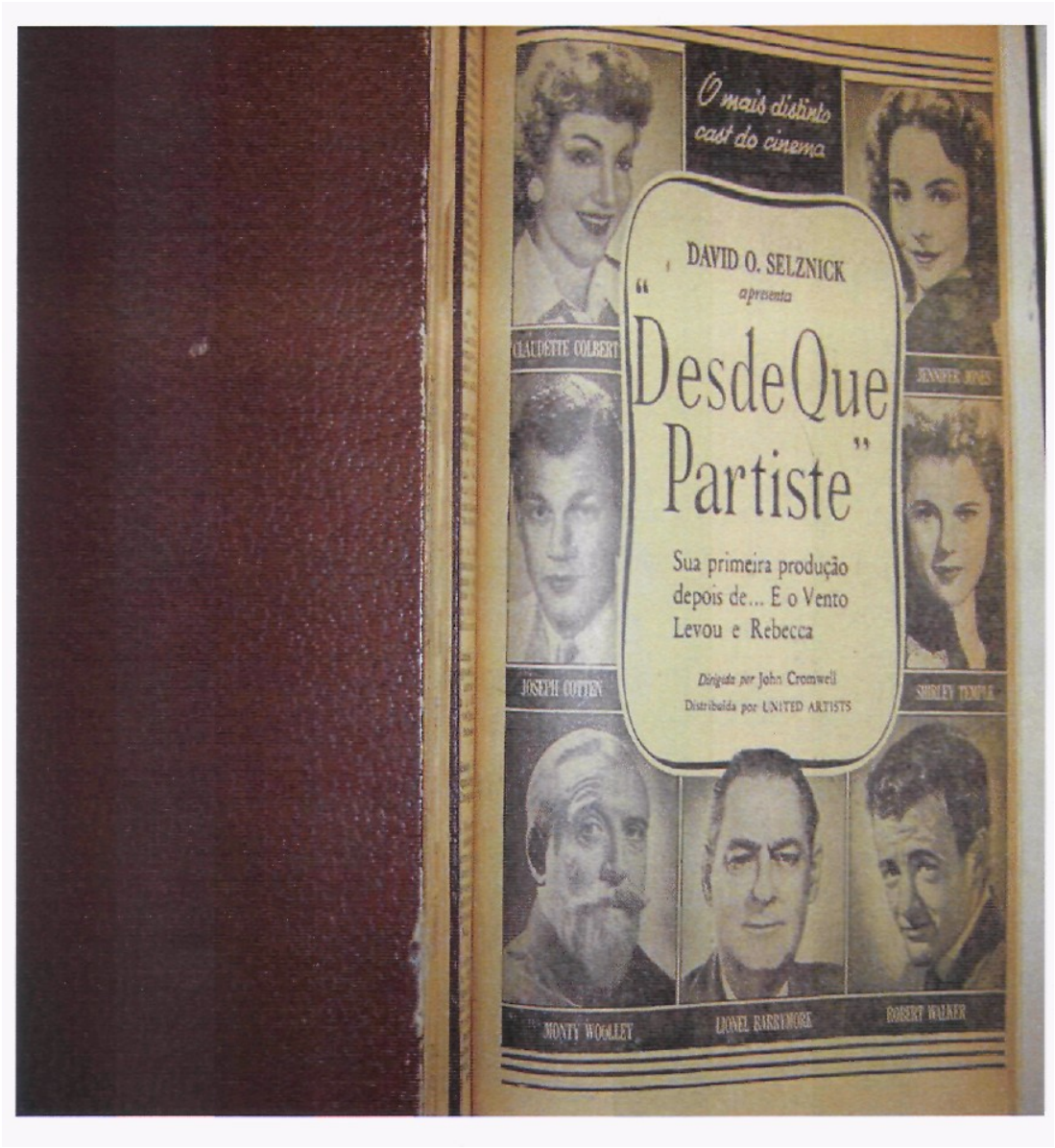


FIGURA 27

(Revista *Alterosa,* Junho de 1945. P. 107)

Cartaz do filme "Desde que Partiste" com a foto dos atores e atrizes do filme.

CONCLUSÃO

Durante as décadas de 30, 40 e 50, o cinema hollywoodiano, através da mídia, serviu como fonte primária de informações a respeito das sociedades norte-americana e brasileira, como também fonte primária do comportamento humano de um grande público ao redor do mundo. A análise da produção cinematográfica e sua ação sobre a cidade de Belo Horizonte, e sua sociedade como microcosmo, nos faz constatar como essa influência cultural exercida por Hollywood neste período aqui no Brasil esteve, e ainda está, presente em nossas vidas.

Seus filmes obviamente refletiram, e refletem até hoje, ideologias e interesses dominantes, mas a maneira como esse cinema, durante boa parte de sua vida, alterou ou pôs em dúvida muitos dos valores e doutrinas tradicionais também não pode ser esquecido. Existem muitas pessoas da esfera cultural e política no Brasil, os "pseudo-intelectuais", que encaram com preconceito e desdém as mensagens transmitidas pelos filmes hollywoodianos, através da crítica pura, simples e cega, pois desconhecem a história social e cultural desse cinema. Na verdade, o valor das críticas depende muito mais do nosso juízo acerca da necessidade de entretenimento de nossa cultura, do que de questões relacionadas às fórmulas pré-concebidas, inverdades, ficção, mensagens políticas ou de dominação cultural.

No que diz respeito à produção de arte cinematográfica em Hollywood, dizer que os filmes comerciais são pobres e falsos, é generalizar, porque a capacidade de criar obras de qualidade independe da cinematografia, mas depende sim, da capacidade criativa de quem produz os filmes. Existem filmes ruins em todos as cinematografias e inclusive na hollywoodiana, que ao longo de sua história produziu inúmeros filmes de baixa qualidade. O fato curioso é que mesmo esses também eram mais assistidos do que outros filmes, também ruins, de outras cinematografias aqui no Brasil. Os motivos culturais dessa preferência foram apontados e discutidos ao longo desse trabalho que procurou dar ênfase para a capacidade crítica do espectador brasileiro, em especial o belo-horizontino. Para esse, o que valia na época estudada nesse trabalho, e ainda vale para nós espectadores de cinema atuais, é saber separar o "joio" do "trigo" em relação aos filmes, independente de onde são produzidos.

O intuito desse trabalho foi justamente de análise das raízes de uma influência cultural que Hollywood exerceu em Belo Horizonte no período proposto, bem como sua relação com as permanências e mudanças culturais em nosso cotidiano atual, passando pelo resgate da memória dos cinemas e da urbanização da cidade de Belo Horizonte. Apesar das dificuldades impostas pelo tema, espero ter tido o êxito nesse intuito levando em conta algumas omissões que obviamente devo ter cometido.

NOTAS

[1] Os homens de negócios empreendedores de Nova York no início do século XX transformaram armazéns vazios em cinemas. Chamavam-se *Nickeloâeons* ou *Poeiras.*
[2] FRIEDRICH, Otto. *A cidade das redes,* p. 298-299.
[3] CICCO, Cláudio de. *Hollywood na cultura brasileira,* p 91-92.
[4] MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas,* p. 25-26.
[5] MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas,* p. 131.
[6] MORIN, Edgar. *As Estrelas: Mito e Sedução no cinema,* p. 66-67.
[7] MORIN, Edgar. *As Estrelas: Mito e Sedução no cinema,* p. 10-12.
[8] CICCO, Cláudio de. *Hollywood na cultura brasileira,* p. 49.
[9] O "cínemascope" nada mais é do que a aventura do filme em três dimensões e mais uma de tantas outras evoluções tecnológicas que o cinema proporcionou aos seus espectadores e à humanidade em geral, ao longo de sua história.

FONTES DOCUMENTAIS

Revista *Alterosa,* de 1939 a 1958. Hemeroteca do Estado

Revista *Belo Horizonte,* de 1933 a 1947. Hemeroteca do Estado

Revista *O cruzeiro,* de 1930 a 1940. Hemeroteca do Estado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMANDO, Carlos. *A sala dos sonhos.* BH: C/Arte, 1999.

BRAGA, Ataídes. *O fim das coisas.* BH: CRAV, 1995.

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia do cinema.* SP: Brasiliense, 1990.

CHAPLIN, Charles. *Minha vida.* SP: José Olympio, 1964.

DE CICCO, Cláudio. *Hollywood na cultura brasileira:* O cinema americano na mudança da cultura brasileira na década de 40. SP: Convívio, 1979.

FREEDRICH, Otto. *As cidades das redes:* Hollywood nos anos 40. SP: Companhia das Letras, 1988.

GRUNEWALD, José Lino e CASTRO, Ruy (Org.). *Um filme é um filme:* O cinema de vanguarda dos anos 60. SP: Companhia das Letras, 2001.

ZUBA JÚNIOR, José. *Cinema em palavras.* BH: Secretaria de Cultura, 1995.

LADEIRA, Julieta *Godoy.Memórias de Hollywood.* SP: Nobel, 1987.

MATTOS, A.C. Gomes de. *A outra face de Hollywood:* Filme B. Rocco, 2003.

MATTOS, A.C. Gomes de. *O outro lado da noite:* Filme Noir. Rocco, 2001.

MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas:* O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas/SP: Unicamp, 1996.

MORIN, Edgar. *As estrelas:* Mito e sedução no cinema. SP: José Olympio,

1989. PARAIRE, Philippe.O *cinema de Hollywood.* SP: Martins Fontes, 1994.

PARANAGUÁ, Paulo Antônio. *O cinema na América Latina:* longe de Deus e perto de Hollywood. Porto Alegre/RS: L&PM Editores, 1985.

PEIXOTO, Fernando. *Hollywood* — Episódios da histeria anticomunista. SP: Paz e Terra, 1991.

SCHATX, Thomas.O *gênio do sistema: A* era dos estúdios de Hollywood. SP: Companhia das Letras, 1991.

SKALAR, Robert. *História social do cinema americano.* SP: Cultrix, 1973.

VEILLON, Olivier René.O *cinema americano dos anos trinta.* SP: Martins Fontes, 1992.

VEILLON, Olivier René. *O cinema americano dos anos cinquenta.* SP: Martins Fontes, 1993.